



*Convicção*  
Editora

# PLANO DIRETOR DE EDUCAÇÃO CRISTÃ



Departamento de Educação Cristã da Convenção Batista Brasileira

# PLANO DIRETOR DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

Rio de Janeiro  
2024

*Convicção*  
Editora

Todos os direitos reservados. Copyright © 2024 da Convicção Editora  
Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

**Direção Geral:** Sócrates Oliveira de Souza

**Coordenadora do Departamento de Educação Cristã:** Márcia Fernandes Kopanyshyn

**Organização:** Comissão Revisora do PDER

Dorcas Rodrigues Silva de Recamán (ES)

Elana Costa Ramiro (SP)

Gleyds Silva Domingues (PR)

Kelly de Almeida Fernandes Sodrê da Silva

Madalena de Oliveira Molochenco (SP)

**Revisão:** Iracy de Araújo Leite

**Produção Editorial:** Oliverartelucas

**Convicção Editora**

Tel.: (21) 2157-5567

Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2 – 1º Andar

Tijuca – Rio de Janeiro, RJ

CEP 20510-412

E-mail: falecom@conviccaoeditora.com.br

www.conviccaoeditora.com.br

# SUMÁRIO

---

Apresentação.....	5
Introdução.....	6
<b>CAPÍTULO 1: Bases da Educação Cristã Batista .....</b>	<b>8</b>
1. Panorama Histórico da Educação Cristã no Brasil .....	9
2. O fundamento que alicerça o fazer da Educação Cristã .....	13
3. Os pilares da Educação Cristã.....	14
3.1. Primeiro pilar: Cosmovisão bíblica e o propósito da revelação.....	15
3.2. Segundo pilar: Discipulado e relacionamentos, a fé em ação .....	16
3.3. Terceiro pilar: Ética cristã e viver segundo a vontade de Deus.....	17
3.4. Quarto pilar: Serviço e ministérios em prol do reino .....	18
3.5. Quinto pilar: Mordomia e mandato cultural.....	19
4. O Propósito da Educação Cristã.....	20
5. O contexto da Educação Cristã.....	22
<b>CAPÍTULO 2: A Educação Cristã na Convenção Batista Brasileira.....</b>	<b>28</b>
1. Estrutura educacional da CBB .....	29
2. Visão estratégica educacional da CBB.....	30
3. Diretrizes educacionais para a CBB.....	32
3.1. Avaliação situacional da Educação Cristã Batista .....	32
3.2. Currículo e metodologia .....	33
3.3. Produção e distribuição de conteúdo e publicações .....	34
3.4. Rede capilarizada e assessoria educacional .....	35
3.5. Comunicação Educacional Cristã (Mídias e Tecnologia) .....	36
3.6. Despertamento vocacional e a formação do Educador Cristão.....	37
3.7. Fomento à pesquisa .....	38
3.8. Inclusão e acolhimento da Pessoa com Deficiência.....	38
3.9. Família e novas gerações .....	39
4. Perfil ministerial do Educador Cristão.....	41
<b>CAPÍTULO 3: A Educação Cristã na Igreja Local .....</b>	<b>44</b>
1. O PEC e seus conceitos fundamentais.....	45
1.1. Processo ensino-aprendizagem .....	46
1.2. Currículo.....	47

1.3. Metodologia .....	47
1.4. Formação Docente.....	48
1.5. Avaliação .....	48
1.6. Abrangência das Ações Educacionais e de Acessibilidade .....	49
2. Questões fundamentais de um PEC .....	49
2.1. Onde nós estamos? .....	50
2.2. Aonde queremos chegar? .....	52
2.3. Qual é o caminho a ser adotado?.....	54
2.4. Como sistematizar o mapa da caminhada? .....	56
2.5. Como avaliar e redirecionar a caminhada?.....	57
Considerações finais.....	59
Referências Bibliográficas .....	60

# APRESENTAÇÃO

---

Um trabalho em parceria requer diálogo e concordância a serem verificados tanto no processo de produção de um texto, como na exposição das ideias a serem comunicadas. Nesse processo, ocorre uma passagem entre o campo de autoria individual para o de autoria coletiva, contudo, essa transição é fundamental para que o texto se materialize enquanto composição de cunho participativo.

Para se chegar a esse denominador comum foi necessário um processo de aprendizagem contínuo que envolveu momentos de reflexão, debate, sistematização e avaliação do texto em elaboração. Essa ação foi feita de maneira criteriosa para que se pudesse consolidar o que hoje se denomina Plano Diretor da Educação Cristã, direcionado aos batistas brasileiros filiados à Convenção Batista Brasileira.

A construção e contínua revisão deste documento ocorreu durante o ano de 2022, iniciando no mês de março e que adentrou o ano de 2023 (finalizando em agosto). Foram mais de 20 encontros com duas horas ou mais de duração para compatibilização do texto escrito, além de muitas horas investidas sobre o texto e que exigiu um trabalho de produção individual e coletiva referente a cada um dos títulos que compõem o documento final. Esse trabalho foi feito de maneira voluntária, dedicada, responsável e comprometida com a missão confiada.

Reconhece-se que um documento não irá contemplar todos os anseios e as perguntas advindas dos educadores cristãos, mas se apresenta, aqui, um caminho que pode favorecer a construção de propostas sólidas para o campo da Educação Cristã a ser efetivado pela Igreja, visto que o objetivo a ser buscado é tornar Deus conhecido e glorificado por todas as gerações.

Este documento objetiva apresentar algo que possa ser aplicável, adaptado e ampliado pelos educadores cristãos no seu campo de atuação. Assim, espera-se seja um instrumento útil, significativo e de fácil manuseio. Há, ainda, a expectativa de que haja concordância entre os educadores cristãos, principalmente no reconhecimento do fundamento e dos pilares (bases) da Educação Cristã, pois somente assim, será possível desenvolver um trabalho formativo que dê unidade e razão de ser à própria Educação Cristã. Assim, munidas da esperança, do desejo, da confiança e do temor a Deus, que se entrega aos educadores cristãos batistas brasileiros o Plano Diretor da Educação Cristã.

Por fim, deseja-se uma ótima leitura e boas aplicações e que a bênção, a paz e a sabedoria do Senhor estejam com cada um de vocês.

*As organizadoras.*

# INTRODUÇÃO

---

É com grande alegria que se apresenta ao povo batista brasileiro o Plano Diretor de Educação Cristã PDEC-CBB. Este documento é uma releitura do Plano Diretor de Educação Religiosa PDER-CBB, que entrou em vigor em 2011 e em resposta à proposta de revisão do PDER aprovada na 101ª Assembleia da CBB que ocorreu no ano de 2022 na cidade de Vitória – ES. Foi proposto e aprovado a necessidade de visitar o documento anterior e fazer revisão e ou dar nova redação. A tarefa ficou para ser executada sob a liderança do Departamento de Educação Cristã – DEC-CBB.

De início, é preciso justificar a mudança de nomenclatura de educação religiosa para educação cristã, tendo em vista, a eleição do seu fundamento. Elege-se a referência da proposta e ação educativas firmadas em Cristo Jesus, o que aproxima essa perspectiva da denominação educação cristã. Por esse motivo, neste documento, assume-se o termo “Educação Cristã”, cujo fundamento que sustenta o ato educativo está em Cristo Jesus, e é definido por Silva<sup>1</sup>, como cristocêntrica, uma vez que o Senhor Jesus ensinava, disciplinava e cumpria sua missão em obediência à Palavra e ordenança em proclamar a verdade do reino de Deus.

Esclarece-se que, para a preparação deste novo documento, o DEC (Departamento de Educação Cristã) executou duas medidas significativas: 1ª) realizou uma pesquisa junto aos educadores em âmbito nacional; e 2ª) nomeou uma comissão técnica para trabalhar este documento na sua integralidade, fazendo uma releitura a partir das novas demandas que se apresentam, sobretudo no período pós pandêmico.

O relatório final da pesquisa feita pelo DEC foi capaz de demonstrar o perfil dos educadores, fortemente atuantes em suas igrejas e suas reais carências no fazer do ensino cristão, dando início à execução da primeira etapa de revisão. Nesse sentido, a Comissão Técnica empregou esforços para manter a essência do documento, antes elaborado, honrosamente, pela comissão de Educação Cristã do Conselho da CBB, adaptando seu conteúdo às mudanças comportamentais e sociais deste tempo e aos avanços educacionais e tecnológicos para trazer novos parâmetros de ação para a Educação Cristã Batista.

Em março de 2022, é composto o grupo que se responsabilizaria pelo processo de revisão e sistematização do documento. A expectativa era de apresentar um documento o tanto mais próximo do fazer da Educação Cristã, e a primeira medida foi discutir sobre o fundamento e as bases que sustentam esse fazer, a fim de dar unidade ao sentido de ser da Educação Cristã.

Na intenção de situar a Educação Cristã no contexto brasileiro, foi necessário recordar sobre o seu movimento e o desenvolvimento histórico até chegar à atualidade. Em seguida, verificou-se

---

<sup>1</sup> SILVA, Maria Bernardete. **Educação Cristocêntrica** (CBB – UFMBB), sem data, (Texto cedido pela autora).

a necessidade de abordar sobre a finalidade e o papel do Departamento da Educação Cristã da Convenção Batista e, por fim, a proposta de trabalho da Educação Cristã a ser efetivada nas Igrejas. Essa definição foi essencial para que se pudesse dar andamento ao processo de elaboração do documento em suas partes constitutivas.

Nesta releitura, a grande mudança sugerida no PDEC é que se entenda a manutenção do movimento de uma Educação Cristã centrada tanto na estrutura denominacional, como na igreja local e suas necessidades, numa relação de troca que flui nos dois sentidos. Mantêm-se aqui o modelo proposto no Documento anterior, em que a CBB deixa de ser uma mera produtora do conteúdo a ser consumido pela igreja, e passa a ser um centro de apoio para que a própria igreja consiga compreender seu papel educacional para desempenhá-lo com eficiência, fazendo uso das melhores ferramentas possíveis, oferecidas e orientadas pela CBB, numa relação sustentável e que se retroalimenta.

Neste novo documento foram mantidos os três blocos do texto anterior, sendo um capítulo dedicado à história, ao fundamento e pilares, outro direcionado ao papel do Departamento da Educação Cristã filiado à CBB, frente aos desafios da Educação Cristã; e o último direcionado ao papel da igreja local na sistematização da sua proposta educativa.

A expectativa é que, a partir deste documento, novos caminhos relacionados ao fazer da Educação Cristã possam ser desenvolvidos e sistematizados com a intenção formativa e educativa de transmitir as verdades imutáveis da Palavra de Deus para um mundo em constante mudança.

Deseja-se, ainda, que a partir deste PDEC, o objetivo e a missão atribuídos à Educação Cristã sejam perseguidos para a glória de Deus, pois esse é o resultado que se deseja alcançar na prática formativa a ser desenvolvida no âmbito de comunidades eclesiais batistas filiadas à Convenção Batista Brasileira: um fundamento e uma só fé que gera a unidade em Cristo.



BASES DA  
EDUCAÇÃO  
CRISTÃ  
BATISTA

CAPÍTULO 1

Este capítulo apresenta um breve resumo da história da Educação Cristã batista no Brasil. A finalidade é ressaltar o envolvimento da denominação com os processos formativos em todas as suas instâncias ao longo do tempo e como as bases bíblico-doutrinárias utilizadas foram fundamentais para a formação da identidade batista.

## 1. PANORAMA HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

A história da Educação Cristã no Brasil remonta às origens da chegada de imigrantes cristãos vindos da América do Norte e que buscaram junto ao governo imperial autorização para se estabelecerem no Brasil. O marco inicial do trabalho batista no Brasil é de 1871, quando estes imigrantes começaram a realizar reuniões na pequena capela no Cemitério do campo em Santa Bárbara d'Oeste, no interior paulista.

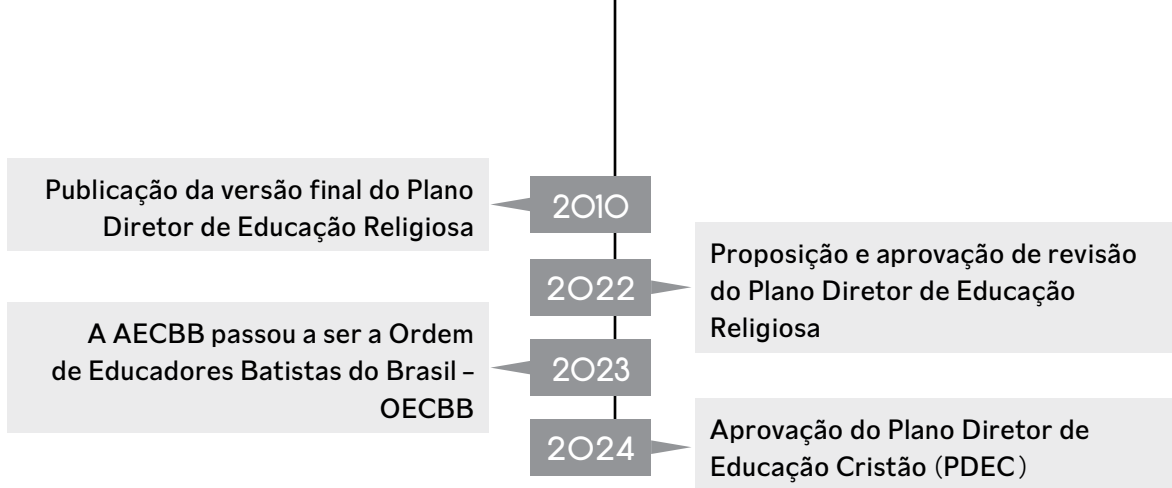
O trabalho começa a expandir em 1881, quando o jovem casal William Buck Bagby e Anna Luther Bagby chegam como missionários batistas em solo brasileiro (CRABTREE, 1937, p. 45), permanecendo em Santa Barbara temporariamente. Mais tarde, unem-se a eles o casal Zacharias Clay Taylor, Kate Stevens Crawford Taylor, e o ex-padre convertido e batizado em Santa Bárbara, Antônio Vieira de Carvalho, que juntamente se dirigem a Salvador, Bahia, e lá fundam em 15 de outubro de 1882, o que ficou conhecida como a Primeira Igreja Batista no Brasil (PEREIRA, 1982, p. 22). Anos mais tarde a CBB aceitou como sendo a primeira Igreja Batista em solo brasileiro o grupo que se reunia na Capela do campo em Santa Bárbara d'Oeste.

A Educação Religiosa, como era chamada inicialmente, apresenta-se entrelaçada às atividades missionárias desde o primeiro tempo de sua fundação; não há como separar ou discriminar as atividades de pregação, evangelização das atividades educacionais. O que se observa é um envolvimento dos missionários, sendo a grande maioria deles composta por norte-americanos, pela expansão do trabalho batista no Brasil.

Por serem missionários norte-americanos, as adaptações de experiências, culturas e hábitos de trabalho foram sendo implementadas no novo terreno missionário. Entretanto, registros de classes de instrução bíblica por iniciativa do grupo de huguenotes, no Rio de Janeiro e de holandeses, no norte do país, datam do século XVI, porém, trabalhos de ensino relacionados a estes grupos, não se fixaram, ou seja, não deram o resultado esperado.

A Educação Cristã batista no Brasil tem momentos históricos bem marcantes. O movimento feminino é um marco presente com a reunião de um grupo de mulheres que se preocuparam em pensar a prática da vida cristã por meio de ações missionárias e de assistência social em 1889. Em seguida, visando alcançar os diversos pontos da crescente obra batista a edição de literatura, tendo como marco inicial as publicações em *O Jornal Batista*, com o surgimento da Casa Publicadora Batista, vão dando forma a uma matriz curricular com forte foco na identidade denominacional, com base no estudo da Bíblia através das Escolas Dominicais. Vejamos alguns destaques históricos:





Diversas organizações, em nível nacional, também foram surgindo e marcando sua história no decorrer do século XIX e XX, bem como as organizações estaduais batistas criando suas assembleias de Escolas Dominicais.

Cabe ressaltar que o processo de organização da Convenção Batista Brasileira, no ano de 1907, foi um marco histórico, principalmente, porque estabeleceu princípios que são até hoje observados. Esses princípios defendem a identidade batista no seu modo de ser, pensar, agir e crer. Eles informam sobre a expiação universal de Cristo, vida de santidade pessoal na presença do Senhor, compromisso com a proclamação do evangelho, justificação pela fé, sacerdócio de cada crente e supremacia das Sagradas Escrituras. Acrescenta-se, ainda, “um trabalho pastoral voltado para a plantação de novas igrejas e expansão do reino de Deus” (NEVES, 2018, p. 105).

Soma-se a esta narrativa outro período histórico de mudanças no final dos anos de 1960, quando a CBB solicita à Junta de Escolas Dominicais e da Mocidade que se estude a questão do ensino e treinamento das Igrejas Batistas e melhoria do programa de Educação Religiosa. Para tanto, foi realizada a 1ª Conferência de Educação Religiosa em 1966. As preocupações daquele tempo deram lugar a estudos sobre as áreas de: estudo bíblico, educação missionária, educação musical, treinamento para o serviço e preparação de liderança.

Àquela época, havia também a recomendação de se criar um Conselho Coordenador de Educação Religiosa de alcance nacional. Esse conselho foi criado ainda em 1966, logo após a Conferência. Em 1968 foi publicado um livreto escrito por Cathryn Smith, então presidente do Conselho Coordenador de Educação Religiosa, intitulado “Programa de Educação Religiosa”. Tal livreto define, como proposta da Convenção Batista Brasileira, a estrutura de Educação Religiosa das Igrejas em quatro escolas, a saber: Escola Bíblica Dominical, Escola de Treinamento, Escola de Missões e Escola de Música.

Neste período a JUERP estava em plena atividade, portanto, ela definia o programa educacional e publicava literatura e conteúdo para dar suporte a ele. Todas as igrejas da denominação seguiam o cronograma de suas publicações de forma sincronizada e integral. Em qualquer igreja que você entrasse, poderia receber o mesmo conteúdo e observar as mesmas escolas e organizações em atividade.

Neste período, a Educação Cristã entre os Batistas ainda estava fortemente ligada a produção de conteúdo e publicações. A estrutura educacional era preparada a partir dos manuais e cabia às igrejas apenas a operacionalização de tudo a partir do suporte literário oferecido pela JUERP.

As escolas de formação ministerial preparavam educadoras para reproduzir o sistema educacional predefinido pela JUERP.

Quase 30 anos depois, uma nova Conferência é realizada e em Assembleia anual da CBB, decidiu-se por uma nova organização a saber: Escola Bíblica Dominical e Divisão de Crescimento Cristão. A Escola de Música passa a ter sua organização própria. A novidade ficou por conta da estrutura da Divisão de Crescimento Cristão, organizada a partir de então. Falcão Sobrinho, numa releitura e apresentação da nova organização, declara, no livreto publicado em 1995, que:

Torna-se muito difícil padronizar um Programa de Educação Religiosa para as igrejas Batistas em todo o Brasil, devido às características peculiares de cada região de cada situação. Por isso a nova proposta permite às igrejas formularem a sua própria estrutura de Educação Religiosa e, o que é mais importante, desenvolver o seu programa conforme o seu próprio crescimento em todos os sentidos. Uma igreja pequena, iniciante ou sem liderança já treinada, não precisa manter todas as organizações educacionais existentes nas grandes igrejas, e seus líderes não devem sentir-se inferiorizados por isso. Importa que o programa funcione e que seja um eficaz instrumento de ação para o crescimento da Igreja (FALCÃO SOBRINHO, 1995, p. 9).

A Divisão de Crescimento Cristão propõe o objetivo de “[...] desenvolver aspectos práticos dos ensinamentos bíblicos no trabalho da Igreja, no testemunho pessoal perante o mundo, na formação de liderança, no desenvolvimento e aplicação dos dons e talentos recebidos pelo Senhor para edificação do corpo de Cristo e para o fiel cumprimento da Missão da Igreja na evangelização do mundo” (FALCÃO SOBRINHO, 1995, p. 9). A proposta apresentada é que a partir de então, as atividades sejam realizadas por faixa etária com apoio das organizações missionárias como: União Feminina e União Masculina nos aspectos da capacitação para Missões.

Outro marco histórico foi o surgimento de organizações de representação de ministros de Educação Cristã na denominação Batista. Em levantamento documental<sup>2</sup>, a Profa. Maria Sebastiana Francisca da Silva mostra que em 1984, durante a realização da 65ª Assembleia da CBB, realizada em Porto Alegre – RS, um grupo de Educadores manifestaram o desejo de criar uma organização que unisse e representasse os Educadores Religiosos Batistas do Brasil. A inspiração veio da Associação dos Educadores Religiosos do Pará-Amapá, que havia sido organizada no ano anterior pelo casal John e Bárbara Burnet, missionários na Região Equatorial.

Em 1985 foi realizado o Congresso Regional de Educação Religiosa e apresentada a Associação dos Educadores Religiosos Batistas do Brasil, uma associação em nível nacional. Em 1986, na 67ª Assembleia da CBB, em Campo Grande – MS, a Associação dos Educadores Religiosos Batistas do Brasil – AERBB – passou a funcionar como uma organização independente.

Em 1988, na 69ª Assembleia da CBB, a AERBB pediu o seu ingresso como organização auxiliar da CBB. Seguem-se os anos e em 2005 na 85ª Assembleia da CBB – Rio de Janeiro, a Associação

<sup>2</sup> Texto organizado e cedido pela Profa. Maria Sebastiana Francisca da Silva s/d.

passa a se chamar AECBB – Associação dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil. Recentemente, no ano de 2023 a AECBB passou a ser a Ordem de Educadores Batistas do Brasil – OECBB – conferindo ampliação de suas fronteiras e de alcance e decisões.

A intenção deste texto é deixar clara a “necessidade de se conhecer os fatos da História da Educação Religiosa dos Batistas no Brasil, pois só assim haverá uma visão real do quanto ela coooperou para o avanço da denominação Batista, fortalecendo cada crente, treinando-os para o serviço e crescimento no conhecimento de Deus” (SILVA, 1996, p. 104).

Ao longo de tantos anos de história, pode-se perceber a ênfase dada na publicação de materiais e literaturas, sempre de forma centrípeta – da CBB para a igreja, criando uma relação de dependência da elaboração do programa educacional. Este modelo teve seu valor e garantiu a manutenção da denominação e sua identidade por gerações. No entanto, é preciso lembrar que não encontramos mais ancoragem para este tipo de modelo educacional levando em conta os diferentes formatos de igrejas em seus rituais, liturgias e formas de atuar nos processos de ensino-aprendizagem. A Educação Cristã não se faz somente pela publicação de materiais, mas na atuação de um ministério conjunto com toda a Igreja no sentido do crescimento e fortalecimento da fé dos salvos em Cristo, por meio do ensino da Palavra consolidada por ações estratégicas para tal ensino.

Em 2006, a CBB, diante do encerramento das atividades da JUERP e já sem condições de sustentar o modelo educacional anterior, decidiu repensar a Educação Religiosa batista no Brasil por meio da Comissão de Educação Religiosa do Conselho da CBB e foi dado início à elaboração do PDER

Já no ano seguinte, 2007, na Assembleia convencional em Florianópolis – SC, foi criada a estrutura de comitês na CBB e a continuidade da tarefa de conclusão do PDER foi passada aos relatores do comitê que se seguiram.

Na Assembleia da CBB de 2010, em Brasília DF, foi distribuída a publicação da versão final do Plano Diretor de Educação Religiosa Batista no Brasil e estabeleceu-se a expectativa dos desdobramentos de suas ações na denominação. Algumas iniciativas foram tomadas ao longo deste tempo, porém não se consolidou uma gestão educacional dentro do DER-CBB.

No ano de 2022, surge a proposição e aprovação de revisão do PDER, dando origem a este novo documento e que é apresentado às igrejas batistas. Esse novo documento teceu releituras do texto e tenta apresentar uma estrutura de cunho explicativo e aplicacional, que possibilita a cada comunidade eclesial adaptar conforme sua realidade local.

## 2. O FUNDAMENTO QUE ALICERÇA O FAZER DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

No ato de identificar o fundamento e os pilares bíblico-educacionais da Educação Cristã, faz-se necessário, em primeiro lugar, apresentar o significado da palavra “fundamento”, a fim de que se

possa ter a compreensão sobre o sentido que lhe é atribuído no âmbito de uma proposta formativa e o que se objetiva alcançar por intermédio de sua aplicação no processo ensino e aprendizagem.

Antes de apresentar o fundamento, é preciso estabelecer bases firmes que deem o equilíbrio necessário a fim de eliminar as incertezas e inseguranças no contexto da formação pretendida. É por isso que o entendimento sobre este fundamento possibilita o trabalho educativo como fator essencial ao desenvolvimento integral do ser humano que ocorre no âmbito da família e igreja.

O fundamento é que propicia a razão de ser da Educação Cristã, e viabiliza a formação e desenvolvimento da fé por meio de projetos, propostas curriculares ou programas educacionais. Ao ter consciência disto, cabe aos educadores cristãos observarem se o fundamento está presente na construção do caminho formativo a ser seguido por sua Igreja.

A palavra fundamento designa a finalidade de ser base, alicerce, firmamento, princípio. Quando se pensa no fundamento, a ideia ou imagem é de alguma coisa (objeto físico, material e ou imaterial), que se posiciona como eixo ou centralidade. Esse eixo ou centralidade dá sustentação às camadas que o sobrepõem, o que se pode chamar de estrutura ou pilares. O fundamento é, portanto, o eixo em que os pilares estão sustentados.

Esse fundamento é apresentado nas Escrituras e não se pode alterar, substituir ou rejeitar. Afinal, o fundamento é o que impulsiona a razão de ser não apenas da proposta formativa, mas do propósito de toda a criação e que resulta no ato da adoração.

O fundamento definido nas Escrituras está descrito na primeira carta aos Coríntios 3.11, que diz: “Porque ninguém pode lançar outro alicerce, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo”. Sobre isso, Morris (2014, p. 54) alerta que “Ninguém pode começar em nenhum outro lugar”. Cristo é o único fundamento válido, seguro e suficiente.

**Cristo é o único fundamento válido, seguro e suficiente.**

Outro versículo que assevera Cristo como único fundamento, está descrito na carta de Efésios 2.20-22: “[...] edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra de esquina. Nele, o edifício inteiro, bem ajustado, cresce para ser templo santo no Senhor, no qual também vós, juntos, sois edificados para morada de Deus no Espírito”.

Sobre Cristo ser a pedra angular, Wiersbe (2017, p. 31) esclarece que sua função é da integração, que une aqueles que aceitam essa verdade. Nesse sentido, não existe qualquer distinção entre as pessoas que creem e professam Cristo, como Senhor de suas vidas, visto que em comunhão o adoram no contexto da Igreja. Cristo é o fundamento da Igreja.

### 3. OS PILARES DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Ao estabelecer o fundamento da Educação Cristã, compete agora identificar os pilares que precisam ser considerados no âmbito da formação, porque são eles que ajudarão a desenvolver uma proposta educativa coerente com a perspectiva cristã e que visa desenvolver conhecimento, relacionamento e prática de fé. Tais pilares mostram a finalidade, a funcionalidade e a sua relevân-

cia no espaço da Educação Cristã, para que se mantenha em vista o fundamento em que toda a trajetória formativa precisa ser observada e construída. Nesse intuito, cabe agora discorrer sobre o sentido de ser de um Fundamento e dos Pilares Bíblico-Educacionais da Educação Cristã.

O ato de reconhecer que toda proposta educativa se sustenta em Cristo, como seu fundamento, possibilita que a Educação Cristã estabeleça os pilares da formação humana e que precisam guardar relação com os pressupostos que serão evidenciados na revelação e aplicados ao trabalho educativo a ser efetivado. Esses pilares são aqueles que visam responder as questões essenciais da vida, a saber: Quem é Deus? Quem é o ser humano? Qual o papel da história? O que é fé? O que rege as relações humanas? Em que se firma a esperança? A morte é terminalidade?

Diante das questões essenciais, pode-se elencar cinco pilares que nortearão a proposta educativa da Educação Cristã: Cosmovisão Bíblica; Discipulado e relacionamentos; Ética Cristã; Serviço e Ministérios; Mordomia. Esses pilares conduzirão a construção da proposta formativa a ser implementada no campo da Educação Cristã. Cada Pilar indica os pressupostos que precisam ser observados pela Educação Cristã na constituição de sua prática formativa.



### 3.1. PRIMEIRO PILAR: COSMOVISÃO BÍBLICA E O PROPÓSITO DA REVELAÇÃO

A cosmovisão bíblica apresenta os pressupostos da fé e que são alvos do ensino e da aprendizagem a serem efetivados no âmbito da formação humana, desenvolvidos no espaço da família e igreja. Estes pressupostos sinalizam para aspectos essenciais sobre quatro episódios: criação, queda, redenção e consumação. Os episódios evidenciam o mover de Deus na história, ao mesmo tempo em que ajudam conhecer sobre os atributos de Deus, a pessoa de Jesus, a razão da existência, a verdade de Deus e o destino de toda a criação.

Os episódios são extraídos das Escrituras, por serem um dos canais de comunicação utilizados para anunciar a verdade e o plano providencial de Deus na história. As Escrituras atestam sobre o **ser de Deus** (Dt.32. 4; Sl 25. 10, 57.3, 119.142.151; Mt 23.9; Jo 1.12,13; Rm 8.14-17; Gl 3.26; 4.4-7; Hb 12.6-11), o **ser de Jesus Cristo** (At 1.6-14; Jo 19.30,35; Mt 28.1-6; Lc 24.46; Jo 20.1-20; At 2.22-24; 1Co 15.4-8; Col.1.15-17; Hb 1.3), o **ação do Espírito Santo** (Gn 1.2; Jó 23.13; Sl 51.11; 139.7-12; Is 61.1-3; Mt 28.19; Lc 4.19,18; Jo 4.24; 14.16,17; 15.26; Hb 9.14; 1Jo 5.6,7).

Ainda, é preciso dizer que “Na cosmovisão cristã bíblica não deve existir separação entre o campo espiritual e o secular, antes a vida é concebida de uma forma plena, pois tudo o que o ser humano pensa, decide e faz deve refletir a glória de Deus” (DOMINGUES, 2018, p. 91). E isso pode ser atestado, a partir do que é exposto nas Escrituras (Ex 23. 25; 1Sm 2.2; 2Sm 7.22; Sl 16.2; 42.11; 63.1; 66.17; 71.8; 95.6; 103.1; Is 25. 1; Jr 29.12; Dn 4.37; Hb 3.17-18; Jo 4.24; Rm 11. 36; 14.1;11; 1Co 10.31).

É nas Escrituras que se conhece a história providencial de Deus desde o episódio da criação. Reconhece-se o objetivo de toda a criação, que tem como fim a adoração. Toda a criação glori-



fica a Deus, tal como expresso nos seguintes textos das Escrituras: Sl 19.1; 21.13; 24.10; 48.1; Rm 11. 26; 1Co 10. 36; 1Pe 4. 11; Ap 4.11; 5.13; 14.7. Ainda, por intermédio da revelação, é possível conhecer os propósitos divinos relacionados à vida vindoura e por isso, do início ao fim, é gerado no coração do que crê, a esperança do porvir, tal como está escrito em: Sl 62.1; 5; Is 40. 31; Jr 29. 11; Lm 3. 25; Jo 5. 24; Rm 12. 12; 15.13; 1Pe 1. 8-9; Ap 21. 6-7.

A revelação, ainda, evidencia a presença de um plano divino desenhado antes da fundação do mundo. Esse plano orquestrado é sinalizador da bondade, misericórdia, amor e graça de Deus para com a humanidade, por intermédio de Cristo Jesus, tal como descritos em Efésios 1. 4, 5 e Colossenses 1.13-23.

No texto de Colossenses 1.13 observam-se duas ações providenciais de Deus e que alteram o status do ser humano de imagem para filho, ao mesmo tempo, em que os versos 14-18 desse texto, apresentam a pessoa de Cristo e sua missão. Nesses versos, ocorre a exaltação de Cristo como aquele que redime, reconcilia e restaura todas as coisas. Aquele que estava desde o princípio e que é o cabeça da Igreja.

É na própria Escritura que se pode encontrar algumas de suas características, tais como, ser lâmpada para os pés e luz para o caminho (Sl 119.105), ser mais doce que o mel (Sl 119.103), atuar como um escudo e sinal de pureza (Pv 30.5), apresentar-se como viva, eficaz e espada (Hb 4.12), cuja finalidade é ensinar, repreender, corrigir e instruir em justiça (2Tm 3.16) e, ainda, alegrar o coração (Sl 19.8).

A partir da Palavra de Deus compreende-se que há esperança para a humanidade. Essa esperança é Cristo. A partir dele e por ele há redenção e reconciliação com Deus, isso inclui toda a criação. O ato da reconciliação não pode ser alterado, por isso ele traz segurança e expectativa presente e futura para aqueles que aceitam esta verdade (Lc 21.33; Rm 14.13; 1Co 15.19-29; 2Co 1.10-11; 15; Ef 3.17-19; Fp 3. 20; 1Pe 3.15,18).



### 3.2. SEGUNDO PILAR: DISCIPULADO E RELACIONAMENTOS, A FÉ EM AÇÃO

O discipulado ocorre a partir dos relacionamentos, por isso sua natureza é testemunhal e vivencial, o que permite fazer a seguinte analogia da música com o discipulado. A música está presente no espaço da criação (sons, vibrações, ritmos, tons e entretons), mas para conhecer com profundidade a sua melodia, é preciso que seja sistematizada em uma partitura. A partitura representa o tempo, o ritmo, o compasso e a entonação. Elementos indispensáveis à execução.

O discipulado é tal como a execução da música, pois ele se faz presente enquanto uma missão, mas para concretizá-lo é necessário conhecer as Escrituras, a fim de que possa ser ensinada a outros com profundidade. É preciso, ainda, que o ensino seja relacional, significativo e contextualizado. Isso indica reconhecer que ele faz parte de um processo contínuo, o que requer consciência sobre o ritmo, o tempo e o ambiente propício para que ele ocorra, a fim de gerar frutos, ou seja, o desejo de aprender.

A prática do discipulado tem a ver com relacionamentos. Não se pode discipular sem a presença de empatia, compaixão, paciência, exortação e disciplina. Ele é um ato que requer envolvimento e comprometimento com a formação e o crescimento do outro e de si mesmo. Afinal, quando se ensina também ocorrem apropriações, às quais se denomina aprendizagem.

A partir da aprendizagem é que se pode iniciar novos processos de discipulado, que preparam o discípulo para cumprir em obediência à ordem de anunciar a sua verdade a outros. O ato de anunciar a verdade, evidencia a vivência da fé em movimento. A fé que modifica a mente e coração a partir da mensagem de Cristo, tal como está expresso nas Escrituras (Mt 28. 18-20; Lc 24.46-49; Jo 17. 20; 30; At 1.8; 13.2,3; Rm 10.13-15).

Assim sendo, destacam-se elementos no ensino de Jesus e dos apóstolos que propiciam aprendizagem no ministério de discipulado, tais como: 1) **Demonstração de ações** (Mt 6. 9-15, Mc 6. 41); 2) **Envolvimento do discípulo com sua aprendizagem** (Mc 6.7-12); 3) **Disciplina e correção** (Mc 11. 15-17, 2Tm 3. 15); 4) **Descobertas** (Lc 23.30); 5) **Uso de ilustrações** (Jo 15.1-12); 6) **Atendimento individual** (Jo 3.2-21, 4. 5-26, Lc 19.1-8); 7) **Exposição oral** (Lc 6. 20-49, 1Tm 4.13); 8) **Apropriação** (2Tm 3. 15); 9) **Vivência** (Mt 10, Lc 9 e 10, 1Tm 5. 4); 10) **Perguntas e respostas** (Mt 16.13-18); 11) **Atividades em equipe** (Lc 10.25-37); 12) **Problematização** (Lc 10.25-37).

É possível dizer que a prática do discipulado é um espaço de concretização da proposta formativa. É um campo rico para o desenvolvimento e crescimento na vida cristã, por envolver o trabalho educativo que se materializa na relação entre discipulador e discipulando, independentemente da faixa etária, condição social, econômica e educacional.



### 3.3. TERCEIRO PILAR: ÉTICA CRISTÃ E VIVER SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

A ética cristã firma-se nos valores absolutos de Deus. Nele não há erro ou imperfeição. Observar os valores de Deus é um ato de amor e temor que se expressa na obediência e no zelo aos seus mandamentos, estatutos e ordenanças. Ter a consciência disso, é um passo para viver segundo os seus propósitos (Sl 2.10-12; 20.9; 72.1; Mq 6.8; Mc 12.17; Rm 13.5; 1Pe 2.17).

Na ética de Deus não há espaços para relativizações, pois a sua lei é perfeita e completa, os seus caminhos são bons e a sua justiça é eterna. Viver sob a perspectiva da ética de Deus é uma forma de reconhecer a sua santidade e autoridade sobre toda a criação. É ter uma atitude de gratidão por sua justiça e adorá-lo por seu caráter bom e misericordioso. Por esse motivo, é preciso reconhecer que o padrão ético de Deus está contido na prática da obediência e na presença do seu amor (Jo 3.16).

Deus ensina o seu padrão ético em amor e requer a sua observância. O ser humano, ao responder afirmativamente a este padrão, manifesta em suas atitudes e em seus relacionamentos, a sua decisão expressa no ato de reconhecimento do princípio de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo.

No âmbito da ética cristã, é preciso reconhecer que o ser humano foi criado com senso de moralidade, por isso, ele tem consciência de seus atos, além de ter a liberdade para usar sua capa-

cidade intelectual, moral e espiritual para fazer escolhas e tomar decisões, tal como está expresso nas Sagradas Escrituras (Dt 16.19-20; Sl 119.1-11; 33-40; Pv 3. 27; 5.9; 21.3; 24.21; Mq 6.8; Mt 7.12; 22.39; Jo 7.17; Rm 2.15; 13.6-7; 15.17-18; 1Co 10.24; 1Tm 2.1-2; Tt 2.7). Contudo, o discípulo precisa reconhecer que a ética de Deus está acima da sua vontade, então, suas escolhas e decisões estão centradas no padrão divino, que é bom, justo e perfeito (Rm 12.2).

Ressalta-se, ainda, que a ética de Deus por ser perfeita e completa expressa os seus propósitos, os quais se consolidaram em Cristo Jesus. É por isso que toda ação humana deve ser levada cativa a Cristo, isso inclui mente e coração, por ser ele o exemplo ético a ser imitado (2Co 10.15).

É na mensagem de Jesus, sobre obediência aos mandamentos, que se identifica a palavra motivadora do agir ético: o amor (Jo 15.12; 1Jo 3.15-16). Isso indica que a conduta do discípulo necessita ser movida pelo amor a Deus e ao próximo. Em relação ao próximo, estão situados dois princípios: **reciprocidade e reversibilidade**. No primeiro, a ação em amor concretiza-se com a mesma intensidade e na mesma proporção que se deseja para si mesmo. É responder de maneira positiva ao outro (Mt 7.12; 22.39; Rm 13. 8; 15. 2; 1Co 16. 14; 1Tess 3. 12; Hb 13. 1-3; 1Pe 4. 8; 1Jo 3. 11; 4. 7-8). No segundo, ocorre a possibilidade de mudança diante do tratamento recebido, não considerando a proporção e a intensidade, mas a atitude de amor a ser demonstrado (Pv 17. 13; 22. 23; 24. 29; Mt 5. 33-34; Rm 12. 17-18; 21; 1Pe 3. 9). Isso indica que o agir ético está para os relacionamentos e a forma como eles são cultivados e praticados pelo sujeito da ação: o discípulo.



#### 3.4. QUARTO PILAR: SERVIÇO E MINISTÉRIOS EM PROL DO REINO

O processo formativo tem por finalidade instrumentalizar o discípulo para uma vida dedicada a Deus, e que pode ser expressa na prática do serviço e do ministério a serem efetivados em prol da expansão do reino, por isso que se projeta uma proposta curricular, contendo um programa educacional, em que são desenvolvidos no discípulo seus dons, suas aptidões, suas habilidades e seus talentos.

O chamado do discípulo é ser sal e luz do mundo, tendo a missão de abençoar outras vidas, independentemente do espaço em que exerce o serviço ou o ministério, indicando que a sua missão está para além de sua atuação na Igreja e alcança a sociedade. Por isso, precisa atuar com responsabilidade, ousadia, excelência e compromisso com a verdade.

A partir da atuação do discípulo é que a mensagem do evangelho é testemunhada em sua vida, de tal forma que seja exemplo em tudo o que faz, pensa e diz, ou seja, em palavras e ações (Cl 3. 17). É no espaço da Igreja que o discípulo aprende a servir com inteireza de mente e coração. Aprende a dividir, ouvir, argumentar, posicionar-se, divergir com respeito e liderar.

A Igreja pode atuar como um laboratório de aprendizagens. Ela possibilita a conjugação entre teoria e prática, a partir do envolvimento do discípulo no serviço e no exercício ministerial. Ela, ainda, desperta, descobre e incentiva o aprimoramento dos dons e talentos de cada discípulo. A igreja valoriza a pessoa e a trata com o amor de Deus.

É no exercício ministerial e na prestação do serviço que a compaixão pelo outro ganha espaço. A partir deles, o processo formativo ocorre de maneira contínua, porque é um ato que requer a atitude responsiva ao comissionamento de ir e fazer discípulos, por intermédio da relação a ser estabelecida entre discipulador e discipulando.

O exercício ministerial e a prestação do serviço cristão são claras demonstrações da apropriação de princípios bíblicos. Eles revelam a aprendizagem adquirida que se materializa em ações e que resultam na expansão do reino e no reconhecimento da glória de Deus (Dt 10. 12-13; 13. 4; Mt 20. 26-27; Jo 12. 26; 13.14; Rm 12. 7-8,11; 1Co 3. 9; 7. 11; 12. 7-11; 15. 58; Gl 5. 23; Ef 4.12; 2Tm 3.17; Hb 6. 10; 1Pe 4.10).

O espaço da formação desenhada pela Educação Cristã olha para o discípulo em sua integralidade, fazendo com que o trabalho educativo não seja confinado apenas ao que se desenvolve na Escola Bíblica. É preciso assegurar o desenvolvimento da fé cristã em todos os espaços ministeriais da Igreja, o que requer da Educação Cristã o ato de permanecer atenta às possibilidades de crescimento no serviço e na prática ministerial, descobrindo potenciais campos de trabalho cristão e oportunizando o discípulo descobrir, testar e aperfeiçoar os seus dons e talentos em prol do reino de Deus.



### 3.5. QUINTO PILAR: MORDOMIA E MANDATO CULTURAL

No âmbito da vida cristã é preciso reconhecer a presença do mandato cultural que atribui responsabilidades ao discípulo em relação à criação de Deus e são associadas ao cuidado, preservação, conservação e inovação. A finalidade do mandato é revestida pelo compromisso e não pode ser desprezada, antes, assumida com zelo e senso de missão.

Este mandato aponta para a presença do princípio da mordomia e que precisa ser cumprido integralmente pelo discípulo. A sua observância produz crescimento e desenvolvimento destinados ao bem-comum. Observa-se, então, o grau de importância deste princípio para o bom funcionamento, organização e interação das leis físicas e naturais estabelecidas no ato da criação.

Não se pode limitar o princípio da mordomia a valores quantificáveis, antes ele se apresenta em diferentes áreas da vida, como social, espiritual, emocional, intelectual e física. Afinal, a forma em que sua gestão ocorre é implicadora de consequências e efeitos que afetam toda a criação.

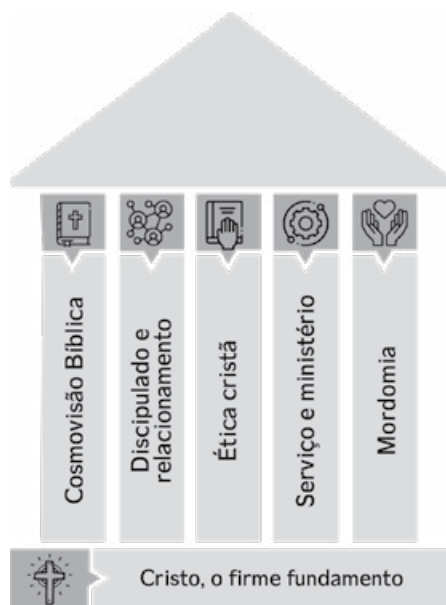
O princípio da mordomia evoca a soberania de Deus e o seu governo sobre todas as coisas, na medida em que ele convoca o ser humano a ser participante ativo no cuidado de sua criação. Deus é Senhor da criação e o discípulo atua como cooperador e coadjuvante em sua administração.

As Escrituras atestam o valor da mordomia a partir dos seguintes textos selecionados: Gn 1.1; 14.17-20; 27; 1Cr 29.14-16; Sl 24.1; Pv 3.9; Ec 11.9; Mt 23.26; 25.14-30; 31. 46; At 11. 27-30; 17. 28; Rm 1.14; 1Co 8. 1-3; 9. 16; 10. 26; 2Co 8. 1-15; Fp 2. 16; 4. 10-18; Tg 1.17,21; 1Pe 1.18-21.

A mordomia requer que todo o trabalho a ser exercido pelo discípulo seja alicerçado nos princípios e valores do reino. Cabe a Educação Cristã prover um ensino bíblico que expresse tais conhecimentos. Para isso, ela oportunizará a integração deste pilar com os demais que trará equilíbrio e reafirmará a identidade cristã a partir do seu fundamento, Cristo.

Reitera-se que os pilares da Educação Cristã alcançarão os seus propósitos, se estiverem firmados no fundamento, Cristo. A manutenção destes pilares assegura uma proposta formativa que tenha como alvo a glória de Deus. Atentar para isso, é o primeiro passo para desenvolver uma proposta educativa alicerçada nos valores do reino, sendo reconhecida como essencialmente cristã bíblica.

Ilustração 1: O Fundamento e os Pilares da Educação Cristã



Fonte: Domingues, 2022

A partir da imagem apresentada sobre o fundamento e os pilares da Educação Cristã, compete agora apresentar o seu propósito, a fim de que o processo de sua efetivação concorra para a comprovação de sua finalidade: a adoração que se expressa no desenvolvimento da maturidade cristã.

#### 4. O PROPÓSITO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Uma das maiores buscas do ser humano é encontrar-se com Deus (Sl 42.1-6). As estratégias da Educação Cristã são fundamentadas no conhecimento profundo da Palavra de Deus, de modo que ao examinar o texto sagrado, o cristão reconheça que sua identidade está em Deus (Mt 11. 29; Jo 13.14-17). Na igreja, o que se espera é que as ações pedagógicas proporcionem ao cristão conhecimento suficiente para criar uma consciência de fé sólida por meio do exame das Escrituras Sagradas, que é poderosa para curar, libertar, redimir, purificar e instruir em justiça (Jo 14. 26; Sl 119. 2-7; 2Tm 3.16- 17; Mt 28.19-20).

Ainda que o cristão atravessasse percursos na vida que o permita experimentar limites, capacidades, forças, prazeres e dores, ele terá garantias da presença e da provisão da Trindade, que o conduz em segurança para a maturidade espiritual (2Tm 2. 15; Cl 1. 28; Ef 4. 1-3; 13). Inspirada

na ordem do Mestre, Jesus Cristo, aos discípulos na Galileia e nas recomendações do apóstolo Paulo, pode-se resumir a proposta da educação cristã, visando estabelecer seus objetivos no fazer discípulos e no amadurecimento da fé para gerar frutos.

Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos (Mt 28.19-20).

Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo (Ef 4.13).

A missão a ser efetivada está associada à ação de fazer discípulos de todas as nações. E para que isso ocorra é necessário obedecer, seguir e ensinar sobre a verdade que está em Cristo. Ainda, é preciso reconhecer que nessa ação, Cristo se faz presente, então não se está só no processo de comunicação da mensagem. Esta constatação faz toda diferença, porque não se age por si mesmo, mas por Cristo e com Cristo.

Ilustração 2: O Fundamento, os Pilares e o Propósito da Educação Cristã



Fonte: Domingues, 2022

A partir do fundamento e dos pilares apresentados, defende-se que a vida cristã tem por objetivo a formação do verdadeiro adorador. Por essa razão, o propósito da educação cristã é possibilitar essa formação que resulta na maturidade cristã, ou seja, “é o ministério de levar o crente à maturidade em Jesus Cristo” (Dows, 1994, p. 19). É no mover do processo educativo e relacional que o ser humano se forma adorador. Compreende-se, então, que o sentido de ser da educação cristã é a adoração a Deus.

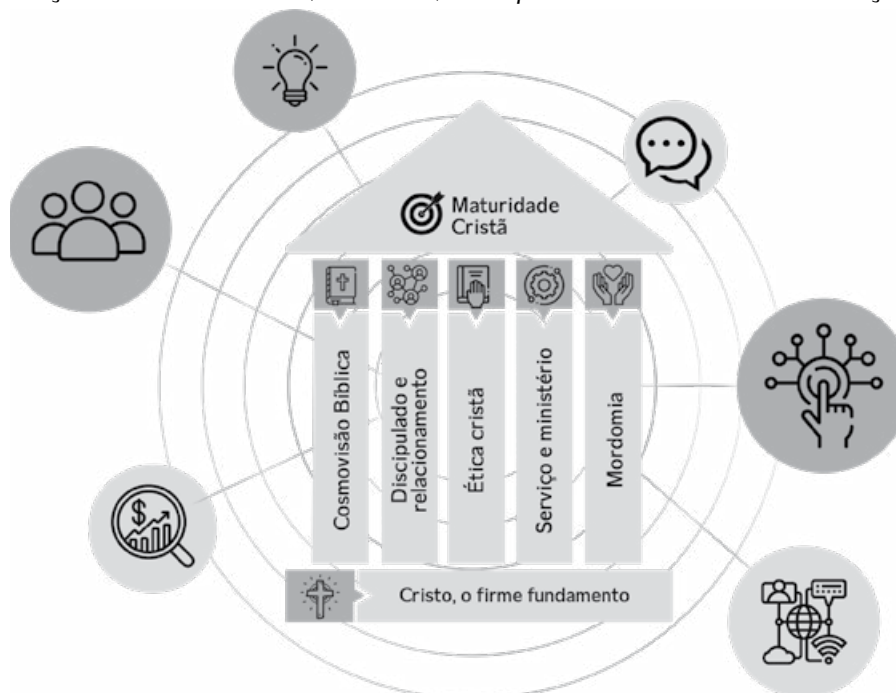
Ao se pensar no fundamento, nos pilares e no propósito da Educação Cristã, é efetivada a eleição de uma proposta formativa que se materializa nas ações educativas a serem desenvolvidas no contexto de comunidades eclesiais, que buscam o conhecimento, a santificação e o amadurecimento da fé alicerçada nas Escrituras. A motivação para ação situa-se no plano revelacional de Deus e não em discursos presentes na realidade social.

Defende-se, aqui, a formação apresentada por Deus nas Escrituras por ser completa e integral. Ela abrange as dimensões da vida e não, apenas, o físico, ou cognitivo ou emocional. Ela atenta para o equilíbrio na medida em que adiciona a dimensão espiritual. Reconhecer isso é um passo para sistematizar uma proposta educacional cristã, que visa formar cidadãos para o reino, que mesmo vivendo neste mundo, podem exercer influência, enquanto sal e luz, verificada em suas posições e atitudes. Eles influenciam, ao invés de serem influenciados.

## 5. O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Ao apresentar a ilustração, mostrando o seu fundamento, seus pilares e a cobertura, é preciso lembrar de que há um ambiente em que essa casa está inserida e que não pode ser desconsiderado. Esse ambiente refere-se ao contexto social, que influencia, sobremaneira, os modos de pensar e de se comportar que são tão característicos de comportamentos, tendências e valores defendidos pela sociedade do século XXI e que, infelizmente, se distanciam dos valores do reino, bem como da proposta formativa a ser efetivada pela Educação Cristã em diferentes áreas de atuação.

*Ilustração 3: O Fundamento, os Pilares, o Propósito e o Contexto da Educação Cristã*



Fonte: Domingues, 2022

A comunidade evangélica no país está representada por uma parcela superior a 35% de toda população e ao unir com todos os veículos de comunicação disponíveis com temas sobre a Bíblia<sup>1</sup>, ela ultrapassa o número de 50 milhões de pessoas que movimentam o denominado “mundo gospel”. Em muitos casos, a comunidade evangélica vem sendo reconhecida como formadora de opinião.

Nas últimas décadas, a maneira de comunicar uma mensagem vem mudando com muita rapidez, sendo impulsionada de modo mais recorrente por intermédio de novas tecnologias, as quais oferecem plena acessibilidade à palma da mão. Isto permitiu aos seus usuários o poder de manifestar suas preferências e, também seus valores. Contudo, as declarações que passam a ser transmitidas com maior frequência a partir de textos redigidos em forma de artigo, coluna ou mesmo numa produção literária requerem capacidades que englobam análise, concepção e produção de conceitos, além de gestão operativa e estratégica no domínio das mídias e das tecnologias.

É bem verdade que os temas associados à fé possuem lugar especial na cultura brasileira e este fato – que parece discreto – tem incentivado acadêmicos a se aprofundarem em estudos advindos das ciências humana, política, social e saúde, para elucidar questões que, muitas delas, já foram respondidas na Bíblia e que merecem ser exploradas para a exposição clara da beleza da mensagem de redenção da humanidade.

É perceptível o comportamento social brasileiro sobre o aumento de pessoas em busca de sentido em sua espiritualidade. Nesta propositura, abre-se uma grande oportunidade para os batistas brasileiros construir um poderoso acervo literário sobre temas encontrados nas Escrituras Sagradas.

As mudanças globais ocorridas nas últimas décadas e as tendências mundiais apontadas por inúmeros estudiosos<sup>3</sup> sugerem a necessidade de adaptações significativas na ação educativa das instituições. O modelo educacional ainda vigente, com base em concepções fortes do século XX, já não dá conta das mudanças do século XXI. As novas demandas trazidas, principalmente, pelos avanços tecnológicos, da comunicação, da globalização e das questões socioemocionais crescentes após o período pandêmico, precisam ser cuidadosamente consideradas. Vemos o crescente aumento de dilemas éticos, que estão, também, cada vez mais complexos devido a atenuação de todas as fronteiras ideológicas. Precisamos de uma base muito firme na Palavra e uma apologetica mais dialogal do que contestatória para enfrentar tais dilemas.

À luz da verdade revelada já é possível observar a preocupação com o processo formativo das gerações e que indicam a necessidade de alcançar o ser humano de uma forma integral, contínua e processual. Integral porque sinaliza para as dimensões que fazem parte da vida humana (física, cognitiva, social, emocional, espiritual), afinal, o ser humano não é um conjunto de partes, antes foi criado para desenvolver relacionamentos com todo o ser. Esse é o conhecimento que agora se torna defendido por estudiosos da área de ciências humanas, sociais e naturais, contudo isso já se fazia presente na declaração e orientação conhecida como *Shema* de Israel.

Vale ressaltar que a formação humana precisa ter continuidade, o que indica a necessidade de acompanhamento, supervisão, compartilhamento e troca de experiências. É na continuidade

<sup>3</sup> BAUMAN; GIDDENS, LÉVY, LIPOVÉTSKY, MORIN, dentre outros.



que se aprende a viver e a relacionar-se. É nela que o ser humano toma consciência de si e dos outros e se apropria de conceitos e definições associadas à autoridade, responsabilidade, moralidade e senso de direção que envolve amadurecimento e crescimento integral. Por isso, não se pode pensar a formação distanciada do processo, possibilitando ao ser humano conhecer e aprofundar as suas raízes.

Não se pode esquecer que cada cristão foi convocado para ser sal e luz do mundo, isso indica a presença de uma missão, comissão e posição. Ele precisa compreender que está no mundo para refletir a glória de Deus e não a si mesmo, o que conduz a pensar que a formação tem a ver com o propósito maior de sua existência, que é a adoração. Interessante, que essa perspectiva não é a que está sendo enfatizada na realidade social. As mudanças pairam em cima da perspectiva da particularização e do sucesso pessoal, não que isso não possa ser um objetivo a ser buscado. O equívoco dessa mudança está no deslocamento da centralidade da existência, que passa a ser o eu e não Deus.

Observa-se, ainda, a partir dessas mudanças e tendências o enfraquecimento das instituições ante ao triunfo do indivíduo. Seguir seus próprios instintos passou a ser a máxima do homem na modernidade tardia (pós-modernidade). Cada pessoa sente-se como centro e fonte da verdade, portanto, sua opinião e juízo de valor sobre qualquer assunto deve ser considerada.

Por outro lado, no contexto da formação humana pode-se tirar proveito sobre o papel e a participação das pessoas nos processos de decisão, visto que se todas as pessoas sentem que suas opiniões e percepções são importantes, elas participam mais e, conseqüentemente, os processos podem ser mais bem aperfeiçoados. Essa característica pode ser utilizada de forma vantajosa, uma vez que a necessidade de *feedbacks* constantes e de interatividade nos processos de construção, também aparecem como forte tendência que impacta diretamente tanto o modelo de liderança e gestão, quanto o processo ensino-aprendizagem. Cada vez mais é exigido de líderes e educadores a capacidade de mediar conflitos, trabalhar em equipe, compartilhar decisões e promover educação integrada, com habilidades de autoaprendizagem e competências socioemocionais.

Diversas *startups* educacionais e revistas digitais estão publicando listas de tendências para a Educação, considerando o processo de transformação digital acelerado pela pandemia da Covid19, e que devem impactar a forma como ocorrem os processos de aprendizagem. Essas tendências levam em consideração a diminuição significativa do tempo de atenção das pessoas, a dificuldade de concentração e o desinteresse, além das mudanças na forma como elas realizam seu trabalho hoje. Vejamos de forma sucinta estas tendências e como elas podem influenciar o contexto da Educação Cristã, desde que ela não obstaculize a centralidade de sua finalidade: a adoração.

1. **Protagonismo do aluno** – em vez de o professor ser a fonte de conhecimento, os alunos assumem o papel de dirigir seus próprios estudos. Assim, eles têm mais oportunidades para desenvolver seu pensamento analítico e sua curiosidade por meio de debates, projetos em grupo, entre outras abordagens. O protagonismo enfatiza a autonomia, contudo, no processo formativo declarado nas Escrituras, o ser humano foi feito para aprender a partir dos rela-

cionamentos, dos exemplos e das experiências. Isso indica que a ênfase não recai em uma pessoa, mas na interação e convivência entre elas. Afinal, como é possível que aquele que aprende possa dar direção se ainda está caminhando em busca do conhecimento?

Na Educação Cristã, educadores e educandos são importantes no processo de ensino e aprendizagem. Eles fazem parte de uma relação que é necessária e indispensável ao crescimento e ao desenvolvimento de sua maturidade. Não há como pensar em processo formativo sem que esses dois agentes estejam envolvidos diretamente com o ato educativo.

2. **Ensino híbrido** – trata-se de uma metodologia que mescla aulas e atividades online e presenciais, com auxílio de ferramentas e plataformas digitais. Será necessário investir neste aspecto para alcançar as novas gerações com a mensagem do evangelho.

3. **E-learning ou aprendizado eletrônico** – é uma modalidade de ensino a distância que possibilita a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes tecnológicos de informação. Pode ser uma grande oportunidade para a Educação Cristã no Brasil, contudo, ela precisa estar consciente que no ato de organização do desenho educativo será preciso investimento, conhecimento, qualidade e comprometimento com a formação pretendida.

4. **Realidade Aumentada (RA) e a Realidade Virtual (RV)** – em um futuro não muito distante, teremos uma educação cada vez mais imersiva. Talvez no futuro possamos fazer imersão ou visita a campos missionários, bibliotecas das faculdades teológicas ou projetos sociais utilizando essas ferramentas, por exemplo.

5. **Microlearning ou “aprendizado em pequenas porções”** – consiste na “quebra” de conteúdos em pequenas unidades, que sejam mais focadas e objetivas. As unidades de ensino são organizadas para um tempo curto, com uma linguagem simples, de fácil compreensão e podem contar com o apoio de vídeos e recursos multimídia, por exemplo. Esta tendência deverá impactar diretamente o perfil das literaturas e metodologias utilizadas para o ensino bíblico.

6. **Ensino personalizado** – uso da tecnologia para considerar as características individuais de aprendizagem de cada aluno. Ela baseia-se no respeito pela individualidade e na criação de estratégias que levem em consideração os interesses de cada aluno, como a utilização de mecanismos de feedback constantes. As metodologias ativas podem ser excelentes aliadas neste processo. Cabe, aqui, lembrar das orientações contidas no *Shema* de Israel, que é preciso caminhar com cada um para que haja crescimento. Isso indica que manter relacionamentos significativos fazem parte da caminhada de crescimento do ser humano. Ele

precisa aprender para compartilhar, sendo, portanto, um objetivo a ser alcançado pela ação educativa.

**7. Educação socioemocional** – este tipo de conteúdo deverá estar cada vez mais presente nos ambientes educacionais, já que é uma das exigências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A tendência é alavancada pelo próprio mercado de trabalho que está valorizando mais os profissionais com *soft skills* (habilidades comportamentais relacionadas a maneira como se lida com o outro e consigo mesmo em diferentes situações) que diplomas e certificados. Neste aspecto, a Educação Cristã sai em vantagem em relação a outras disciplinas, pois a Palavra de Deus é a maior fonte de conteúdos sociemocionais e espirituais. Precisamos aproveitar a oportunidade que esta tendência nos apresenta.

**8. Educação ambiental** – Temas relacionados ao meio ambiente e sustentabilidade estão cada vez mais ganhando força dentro dos programas educacionais. A Educação Cristã sempre esteve na vanguarda em relação a este conteúdo, principalmente, por causa do mandato cultural dado pelo próprio Deus, porém, é necessário que se discuta para assumir tal responsabilidade. Ainda, é preciso atualizar a linguagem e as abordagens em relação a este tema específico.

A comunicação digital potencializou a expansão da Palavra de Deus numa velocidade à distância de um clique, contudo, é preciso ter atenção com o que está sendo veiculado. De fato, existem bons conteúdos disponibilizados, porém, é preciso saber reconhecê-los e filtrá-los. Nesse processo, a Educação Cristã pode exercer uma ação efetiva e de qualidade, visto que atua na conservação do conhecimento promotor da verdade e que resulta na expansão do reino de Deus. Isto significa um avanço para a disseminação da verdade de salvação capaz de alcançar todos os continentes no mesmo segundo.

Salienta-se, contudo, que mesmo com a evolução de tecnologias on-line, ainda há boa procura e interesse por materiais impressos. Desta forma, ainda é tempo de trabalhar com os dois modelos – online e offline. A comunicação digital é uma tendência crescente, por isto, constantemente, surgem meios de divulgação direcionados à realidade virtual. Este novo comportamento afeta a sociedade de um modo geral e a Igreja de Cristo precisa estar atenta a essas mudanças, a fim de que lance mão de uma comunicação eficaz no processo de desenvolvimento e crescimento que vai do discipulado ao serviço cristão.

Ferramentas comuns como redes sociais, *podcasts*, *reels* e *lives* vêm conquistando lugar especial como meios informativos e até formativos. Com frequência recorre-se às mídias para transmitir uma mensagem, fazendo uso dos efeitos de som, imagem e cor. Diante desta constatação, cabe perguntar: por que não usar destes recursos para reforçar a maneira como o ensino bíblico pode ser comunicado?

Estas ferramentas digitais são apenas alguns exemplos da forma de vida globalizada e, pode-se até dizer, moderna. Nela, torna-se possível conciliar uma viagem de retorno para casa, depois de um dia de trabalho, a uma aula expositiva (via áudio ou vídeo) de trinta minutos sobre algum tema bíblico de interesse pessoal. Ainda, pode-se consultar mapas e fazer trajetos associados a um tempo. Identificar práticas e costumes da época, o que enriquece ainda mais as aulas a serem compartilhadas.

Os fatores associados à segurança e disponibilidade de tempo também contribuíram para o avanço no uso das tecnologias, ressignificando as formas de aprendizagem, que se tornam mais flexíveis e adaptadas ao público-alvo. O uso das tecnologias pode favorecer o processo de compreensão em relação a dados históricos, geográficos e culturais. De fato, eles podem diminuir a distância entre as épocas e contribuir para uma aprendizagem mais significativa e real.

O uso dessas tecnologias não substitui o modelo de ensino pautado na troca de experiências e no diálogo, mas é um caminho que pode agregar na absorção de conhecimento da Palavra de Deus, pois requer reflexão, leitura atenciosa, pesquisa, ou seja, são oportunizados meios e ocasiões para que aguace o desejo de buscar mais informações que possam ajudar no processo de compreensão e aprofundamento sobre o tema estudado.

A EDUCAÇÃO  
CRISTÃ NA  
CONVENÇÃO  
BATISTA  
BRASILEIRA

CAPÍTULO 2

A declaração doutrinária da CBB coloca a Educação Cristã em destaque, reiterando a Palavra de Deus como conteúdo essencial e fundamental no processo de aprendizagem cristã, e apontando o programa educacional da igreja como necessário para a instrução e o desenvolvimento de seus membros, a fim de *“crescerem em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”* (Ef 4.15). É dada à igreja a tarefa de cuidar do doutrinamento adequado dos crentes, visando à sua formação e desenvolvimento espiritual, moral e eclesiástico, bem como motivação e capacitação para o serviço cristão e o desempenho de suas tarefas no cumprimento da missão da Igreja no mundo.

Se a tarefa de cuidar do doutrinamento dos crentes é dada à igreja local, qual é o papel da CBB em relação à Educação Cristã? A resposta a esta pergunta é muito importante para a compreensão deste e do próximo capítulo que tratam da implementação do PDEC em suas duas grandes esferas: a CBB e a igreja local.

## 1. ESTRUTURA EDUCACIONAL DA CBB

Em sua estrutura organizacional, a CBB mantém um Departamento de Educação Religiosa (DER) – neste documento estamos chamando de Departamento de Educação Cristã (DEC), cujo braço operacional é a Editora Convicção. Este documento aponta para a necessidade de haver maior delineamento quanto à coordenação, atividade estratégica bem como a relação entre o DEC e a Convicção também precisa ser adequadamente definida.

Na estrutura do Conselho Geral há uma Comissão permanente de Educação Cristã, liderada por um membro eleito para o Conselho, composta pelos executivos de todas as organizações educacionais (UFMBB, SNHB, SJBB, Editora Convicção e OECBB) cujas atribuições envolvem a coordenação e avaliação periódica do programa integrado de Educação Cristã; o oferecimento de suporte para que as igrejas desenvolvam seu Projeto Educacional, conforme o Plano Diretor; e a orientação, coordenação e avaliação do trabalho desenvolvido pelas organizações auxiliares e secretarias que atuam com Educação Cristã, por meio do recebimento de seus relatórios e a emissão de pareceres e encaminhamentos ao Conselho Geral, quando necessário. Embora as atribuições desta comissão estejam mais bem delineadas, ela tem menos possibilidade de agir de forma estratégica por ser uma comissão cuja liderança está sujeita a eleição e, portanto, sazonal.

Para que a CBB continue a avançar em relação à Educação Cristã é importante se fazer ajustes teóricos e estruturais, de tal forma que o DEC, que tem um braço operacional, desenvolva uma coordenação/gestão estratégica. Para tanto, é necessário que suas atribuições sejam definidas e expressas nos principais documentos da CBB. O ideal é que o DEC assuma a operacionalização do PDEC e que a Comissão de Educação Cristã do Conselho fique como responsável por acompanhar e avaliar as ações realizadas. Para que isso aconteça de forma eficiente e eficaz, o gestor do DEC, ao atuar juntamente com as equipes gestoras e demais organizações e secretarias, precisa apoiar as atividades de Educação Cristã e, ainda, fazer interfaces com a Educação Teológica da CBB. Sugere-se, também, que, em havendo reforma no Regimento interno da CBB, esta situação seja corrigida em caráter oficial.

É urgente a adoção de uma filosofia educacional, pois será por meio dela que se poderá entender, manter e/ou modificar o processo educacional que estamos desenvolvendo há muitas décadas. É somente com esta análise apurada que se poderá identificar conflitos e contradições que atrapalhem o pleno desenvolvimento do caráter de Cristo nos crentes. A partir de uma filosofia educacional batista poderemos discutir sobre as diferentes teorias pedagógicas e como elas podem contribuir ou não para o amadurecimento do povo de Deus. Além da adoção de uma filosofia educacional, é de suma importância a criação de indicadores de eficácia que ajudem todas as instâncias educacionais da denominação a avaliarem o seu trabalho.

Por meio do seu braço operacional, a Editora Convicção, o DEC continuará a oferecer ao povo batista brasileiro, uma Educação Cristã bíblica completa a fim de que todos possam exercer uma vida plena de significado em Cristo. Por esta razão, deve-se não apenas produzir literatura contextualizada e de qualidade, mas, também, criar condições para que as igrejas, associações e convenções estaduais possam elaborar seus próprios projetos educacionais, com base numa cosmovisão bíblica.

## 2. VISÃO ESTRATÉGICA EDUCACIONAL DA CBB

A visão estratégica é a percepção da liderança Batista sobre a área educacional da CBB, que expressa as conquistas do seu passado, o seu momento atual e a direciona para o futuro. A visão dá forma e direção ao DEC e aponta aonde ele quer chegar. A consciência de sua visão estratégica ajudará a CBB a se organizar, direcionar os recursos e trabalhar para que o DEC alcance resultados cada vez melhores, de modo consistente e sustentável. Ela ajuda a criar caminhos para a transformação de ideias em realidade.

A partir da visão estratégica (visão de futuro, missão, valores e objetivos estratégicos), o DEC-CBB poderá elaborar um plano de suporte estratégico, ou simplesmente plano estratégico, que envolverá a definição de estratégias, metas, planos de ação e responsabilidades para um determinado período. Sugere-se o seguinte:

 Visão

**Ser referência para as Igrejas batistas brasileiras em relação ao fundamento, às bases da educação cristã, ações estratégicas e à inovação educacional.**

 Missão

**Viabilizar a cooperação entre as Igrejas Batistas para o desenvolvimento da Educação Cristã e preservação da identidade batista.**



## Valores

- a) **Fidelidade às Escrituras** – a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática. (Sl 119.11, 105; Dt 11.18 e 21)
- b) **Excelência** – Deus se agrada quando fazemos melhor hoje do que fizemos ontem. (Cl 3.23; Ef 6.5 a 8)
- c) **Integridade** – a vida íntegra é coerente ao ensino cristão; a vida do Educador é um poderoso instrumento educativo. (Fl 2.15-16)
- d) **Ensino relacional e discipular** – o caráter cristão é formado por meio de relacionamentos intencionais. (Jo 3.1-21; Jo 4.7-30; 2Tm 1.5; 2Tm 2.1,2)
- e) **Alianças educacionais** – a Educação Cristã avança mais rapidamente quando há cooperação entre diversas pessoas e organizações. (Sl 133; Ef 4; 1Co 12; Rm 12)



## Objetivos estratégicos

- a) **Mapear continuamente as ações vinculadas à Educação Cristã, identificando suas necessidades e oportunidades;**
- b) **Estabelecer uma filosofia educacional firmada na Palavra de Deus, conforme foi delineado no primeiro capítulo deste documento;**
- c) **Elaborar um Projeto Educacional global, equilibrado e sustentável, que envolva todas as organizações educacionais da CBB, revisando todas as matrizes curriculares, propostas metodológicas, planos, programas e processos à luz da filosofia educacional batista;**
- d) **Oferecer estratégias e ferramentas inovadoras para o desenvolvimento dos Pilares da Educação Cristã na igreja local;**
- e) **Simplificar e fortalecer a gestão educacional cristã em nível nacional, estadual, das associações e da Igreja local;**
- f) **Motivar e capacitar as lideranças de convenções estaduais e associações de forma que possam produzir seus próprios projetos educacionais a partir das bases apresentadas aqui e dos seus contextos específicos;**
- g) **Estimular a presença e a valorização do Educador Cristão na Igreja local e demais órgãos da denominação.**

A definição da visão, missão e valores evidenciam o que se deseja alcançar efetivamente no processo educacional da denominação, que destaca em sua fundamentação a centralidade do fazer educacional que está em adorar a Deus e buscar a expansão do seu reino. A partir de então, pode-se pensar em objetivos estratégicos que se desdobrarão em planos de ação que levarão o DEC em direção ao alcance da sua visão e missão.



No âmbito das prioridades educacionais fundamentadas nos princípios e valores cristãos visivelmente percebidos e reforçados na Palavra de Deus, o DEC-CBB visa empregar esforços para o fortalecimento de estruturas educacionais e, ainda, promover o despertar de novas iniciativas, cuja finalidade é atender à formação e ao desenvolvimento do povo batista, observando ao que se estabelece nas Escrituras.

As ações do DEC visam a construção de uma sociedade transformada pelo Evangelho de Cristo a partir do ensino cristão aplicado nas igrejas e demais organizações batistas. Ou seja, a Educação Cristã torna-se a ferramenta principal para o alcance dos objetivos projetados neste documento, por isto, que o PDEC é visto como um instrumento de trabalho tão significativo na estruturação do Projeto Educacional de cada igreja.

Faz-se necessário um esforço coletivo para que a Palavra de Deus possa ser compreendida e o caráter cristão seja formado em cada batista brasileiro.

### 3. DIRETRIZES EDUCACIONAIS PARA A CBB

O PDEC é um ponto de partida para projetar e sistematizar ideias e processos que aperfeiçoarão a Educação Cristã. Ele é o instrumento norteador de conteúdos e práticas a serem desenvolvidas tanto no contexto da CBB, quanto no contexto da igreja. A partir deste ponto, passamos a apresentar as diretrizes para o trabalho da CBB por intermédio do seu DEC e que, por sua vez, impactarão a Educação Cristã na igreja local e em todos os setores da denominação. Vale ressaltar que não se pretende esgotar o assunto de cada tópico a seguir, mas, apenas, apresentar caminhos que poderão ser aperfeiçoados com o passar do tempo.

Diretrizes educacionais para a CBB		<b>5</b>	Comunicação Educacional Cristã (Mídias e Tecnologia )
<b>1</b>	Avaliação situacional da Educação Cristã Batista	<b>6</b>	Despertamento vocacional e a formação do Educador Cristão
<b>2</b>	Currículo e metodologia	<b>7</b>	Fomento à pesquisa
<b>3</b>	Produção e distribuição de conteúdo e publicações	<b>8</b>	Inclusão e acolhimento da Pessoa com Deficiência
<b>4</b>	Rede capilarizada e assessoria educacional	<b>9</b>	Família e novas gerações

#### 3.1. AVALIAÇÃO SITUACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ BATISTA

Antes de fazer qualquer movimento estratégico é necessário conhecer e avaliar com profundidade a situação atual. Esta ação ajudará na organização do caminho a ser percorrido em direção

à situação ideal desejada. Este documento é resultado de uma avaliação feita inicialmente para a elaboração do PDER e da constatação de que muitas ações previstas naquele documento ainda não foram executadas. Entretanto, entende-se ser de extrema importância que novas pesquisas sejam realizadas para uma leitura mais próxima da realidade atual.

Será necessário criar um sistema de avaliação continuada da Educação Cristã oferecida pela estrutura da CBB às igrejas, convenções estaduais/regionais e associações de igrejas. Ainda não foi feita nenhuma pesquisa educacional específica com o povo batista, no período pós pandemia, e que nos dê um retrato mais consistente da real problemática que iremos enfrentar daqui para frente.

Pesquisar constantemente o contexto educacional é muito saudável e desejável para uma organização que pretende manter-se atualizada e inovadora. Quando isso é feito de forma sistemática, torna-se uma cultura e pode garantir a permanência de uma organização ao longo do tempo e das circunstâncias.

Desta forma, o DEC deve ser responsável por realizar estas pesquisas, sempre lançando mão dos melhores recursos e instrumentos para realizar esta tarefa, podendo ser necessário a criação, por especialistas, de instrumentos apropriados de avaliação que deverão ser constantemente atualizados.

### 3.2. CURRÍCULO E METODOLOGIA

A CBB deverá ter um currículo que envolva todas as suas organizações educacionais, e que deve ser elaborado de forma coletiva e participativa, respeitando a identidade de cada organização, porém convergindo-as a um propósito único e comum. Esse currículo deve ser elaborado num ambiente de parceria entre as organizações da CBB envolvidas, de modo a haver coesão no ensino oferecido, evitando-se a sobreposição e redundâncias de conteúdo e atividades.

Para o alcance dos objetivos estratégicos sugere-se a construção de uma matriz curricular aberta e flexível, capaz de atender a cada comunidade eclesial batista, a partir de uma leitura voltada para o seu contexto local, na medida em que considera, também, o contexto global e as tendências que impactam a vida cristã e a dinâmica educacional das igrejas.

A proposta curricular deve ser constituída a partir da missão, visão e valores definidos para a Educação Cristã. Afinal, o currículo é considerado como um documento de identidade por trazer as digitais que indicam o caminho a ser trilhado no âmbito educacional.

A título de exemplo, sugere-se quatro dimensões que cada igreja poderá adequar à sua proposta pedagógica (bíblica, ministerial, relacional e missional). A partir delas, o educador deverá encontrar componentes de conhecimento que servirão de base para um planejamento didático-pedagógico, preservando os princípios da fé, com o propósito de contribuir para o desenvolvimento integral dos crentes de sua comunidade, resultando em amadurecimento cristão e vidas que testemunham a glória de Deus.

A dimensão bíblica trabalha com os pressupostos e princípios pertinentes à fé cristã. A dimensão ministerial apresenta conhecimentos que visam o desenvolvimento do cristão, em relação ao trabalho e serviço a serem efetivados no contexto eclesial e social. Já a dimensão relacional, envolve as atitudes, os posicionamentos e os comportamentos pautados à luz das Escrituras. Por fim, a dimensão missional envolve o preparo e a capacitação para ação em diferentes espaços, quer sejam eclesiais, profissionais e ou sociais. A relação entre centralidade e dimensão formativa pode ser assim configurada:

*Ilustração 4: Dimensões curriculares*



Fonte: Domingues, 2022.

Essas diretrizes podem ser o ponto de partida para a organização de uma matriz curricular e precisam ser adequadas pela Igreja a fim de atender as suas peculiaridades, bem como as demandas advindas do seu contexto eclesial e social. O importante é que cada Igreja possa pensar e refletir sobre o processo formativo que será ofertado e como ele pode contribuir para o crescimento e desenvolvimento das gerações.

Tão importante quanto uma matriz curricular organizada a partir de uma compreensão geral do cenário a que ela será direcionada, é, também, a adoção de uma metodologia coerente com o conteúdo que se pretende ensinar. A Bíblia além de ser um manual de conteúdo, é também um manual de forma. Ela aponta um modelo relacional e ativo de ensino em toda a sua extensão. Portanto, deve haver um estudo aprofundado de metodologias para a adoção de uma proposta metodológica para a produção de literatura da denominação. Esta proposta metodológica deve atender as demandas e tendências apontadas nas etapas anteriores deste documento.

### 3.3. PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE CONTEÚDO E PUBLICAÇÕES

Educação cristã é mais que literatura, currículo ou mesmo sala de aula. Embora tudo isso faça parte, não podemos tomar a parte como o todo, para não cair num reducionismo que certamente prejudicará o alcance da missão educacional da denominação e da igreja local. A Educação Cristã é um processo intencional e contínuo de formação do caráter cristão e que pode ser realizado

por meio de diversas ferramentas, incluindo a literatura, currículo e a sala de aula, mas estes não podem ser um fim em si mesmos.

Como a publicação denominacional desempenha papel preponderante na provisão de ensino contextualizado e fiel à doutrina bíblica, é essencial e urgente a ampliação e diversificação do seu portfólio de produtos editoriais. Essa ampliação ajudará a atender às mudanças no estilo de vida das pessoas e às tendências educacionais já mencionadas neste documento.

É necessário que os autores das publicações, além de possuírem profundo conhecimento teológico e uma atitude cristã equilibrada, sejam capacitados nos aspectos pedagógico, metodológico e midiático, a fim de produzir conteúdo inovador, independentemente de ser impresso, digital, audiovisual ou em formato de *podcasts*. A capacitação dos escritores, redatores e editores deve ser de responsabilidade do DEC, visando a atualização contínua destes colaboradores para manter uma abordagem pertinente e adequada às propostas deste documento.

Como braço operacional do DEC-CBB, a editora Convicção compõe a sua equipe de trabalho, incluindo seus editores, escritores, redatores, equipe financeira, comercial e de distribuição. Ampliando o olhar, também podem ser considerados os coordenadores dos DEC's de cada Estado ou convenção. Para isso é necessário criar um senso de pertencimento e de trabalho mais amplo que possibilite prestar apoio e incentivo nos Estados, nas associações de igrejas e, por fim, na igreja local para que se possa prevenir e corrigir possíveis desvios que podem comprometer a qualidade da Educação Cristã Batista.

A distribuição da literatura para todo o Brasil também deve ser um ponto a ser tratado com bastante cuidado e agilidade dentro da atividade estratégica de produção de conteúdo.

### 3.4. REDE CAPILARIZADA E ASSESSORIA EDUCACIONAL



De forma panorâmica, a situação da Educação Cristã nas 33 convenções estaduais se apresenta da seguinte forma: dos 27 estados, mais o Distrito federal, os batistas contam com menos de 08 estados com áreas educacionais organizadas e atuando sob a liderança de Educadores Cristãos. Embora não se tenha um dado estatístico exato, observa-se a diminuição crescente do número de educadores atuando nas Igrejas sem o reconhecimento da função de ministro, como parte integrante do ministério local, e, conseqüentemente, sem uma remuneração.

As igrejas, associações e convenções com poucos recursos humanos e financeiros, que não possuem um departamento de Educação Cristã dirigido por Educadores Cristãos, precisam de direcionamento e apoio para se alinharem às propostas deste documento.

Desta forma, algumas ações específicas podem ser desenvolvidas no sentido de atender essas necessidades e fortalecer a atuação do Educador Cristão na Igreja local, bem como nas Associações e Convenções Estaduais, veja:

- a) Estabelecer um contato direto do DEC-CBB com as Convenções estaduais e suas associações com vistas ao fortalecimento do trabalho do Educador Cristão. O diálogo aberto com os Departamentos estaduais facilitará o atendimento às necessidades das associações e Igrejas locais e fomentará ações educacionais mais assertivas. Este espaço aberto e bem aproveitado poderá, por exemplo, apontar indicadores que afetam a dificuldade de alcance de uma determinada região do Brasil e, ainda, justificar os motivos desta dificuldade.
- b) Incentivar a contratação de educadores cristãos na esfera das Convenções estaduais, associações e nas igrejas locais. Ainda temos muito a avançar neste quesito, uma vez que a maioria das Convenções estaduais estão sem Departamento de Educação Cristã ativo. Fato que precisa ser revertido com urgência para potencializar todas as ações previstas neste documento.
- c) Promover formação continuada por regiões do Brasil para aprimoramento de educadores formados e o despertar de vocacionados para os ministérios educacionais, além de trocas de experiências e motivação. Busca-se com isso incentivar produção acadêmica, pesquisas, intervenções, inovação curricular e estrutural, recursos tecnológicos, formação docente, gestão na Educação cristã e tantos outros temas necessários para este tempo.
- d) Estabelecer parceria com a Ordem dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil (OECBB) para o oferecimento de assessoria educacional para associações de igrejas ou estados com dificuldades de recursos humanos e financeiros. Essa ação pode receber fomento de empresas e/ou patrocinadores que estejam interessados em investir em Educação Cristã e no crescimento do povo de Deus em todas as regiões do Brasil.

### 3.5. COMUNICAÇÃO EDUCACIONAL CRISTÃ (MÍDIAS E TECNOLOGIA)

A maneira de comunicar vem mudando com muita rapidez nas últimas décadas, sendo mais recorrente a partir das novas tecnologias, dando plena acessibilidade à palma da mão. A comunicação deixou de ser propriedade exclusiva de grandes canais de transmissão de conteúdo, para dar poder e voz aos anônimos, impondo a interatividade com a nova forma de comunicação informativa. Este comportamento social trouxe mudanças na maneira como as pessoas interagem, como ensinam e como aprendem. Percebe-se que a mensagem precisa despertar emoções, atitudes e transformações em sua audiência.

O conteúdo gerado, além de ser bem elaborado tecnicamente, precisa conter os fundamentos da fé claramente explorados bem como respeitadas as abordagens éticas. Neste sentido, a Educação Cristã procura evidenciar as verdades bíblicas, trazendo significado ao indivíduo nas percepções de sua identidade, escolhas, impulsos e devoção.

Essas mudanças na comunicação devem direcionar as ações da CBB para as modalidades de ensino presencial ou à distância e com conteúdos que comuniquem com clareza, profundidade e autoridade as verdades bíblicas para o povo de Deus. Ela deve preocupar-se em ampliar o alcance dos seus conteúdos por meio da diversificação de linguagens para as mídias *online* e *offline* e para serem distribuídos em diferentes plataformas digitais.

O uso dessas tecnologias não deverá substituir o modelo de ensino pautado na troca de experiências e no diálogo, mas é um caminho que pode agregar na absorção de conhecimento da Palavra de Deus, pois requer reflexão, leitura atenciosa, pesquisa, ou seja, são oportunizados meios e ocasiões para que aguace o desejo de buscar mais informações que possam ajudar no processo de compreensão e aprofundamento sobre o tema estudado.

### 3.6. DESPERTAMENTO VOCACIONAL E A FORMAÇÃO DO EDUCADOR CRISTÃO

A formação do Educador Cristão compreende todo o processo que vai desde o despertar vocacional, à formação inicial e permanece por meio da formação continuada. Esta última etapa é um desafio e, também requer mudanças e novos investimentos. Para a realização desta tarefa, a CBB poderá contar com importante parceria com a OECBB (Ordem dos Educadores Cristãos Batistas do Brasil) e, também, com os Seminários, Centros Formativos e Faculdades da denominação. O DEC-CBB também poderá oferecer eventos formativos permanentes, tais como congressos, simpósios, cursos de atualização dentre outros.

A formação de mais educadores cristãos para o povo batista brasileiro depende de um forte despertar vocacional e do envolvimento das igrejas com o ministério educacional. Esta ação específica, depende de uma maior integração entre a área de Educação Teológica e a Educação Cristã. Sugere-se aqui uma análise curricular nos cursos de Teologia e Educação Cristã oferecidos pelos seminários e faculdades da denominação. Talvez seja necessário criar mais disciplinas relativas à Educação Cristã em cursos de Teologia que, devido aos ajustes solicitados pelo MEC para oficialização, podem estar sendo preteridas.

Também devem ser analisadas as matrizes dos cursos de Educação Cristã para verificar o nível de adequação às novas tendências do setor. Neste ponto também pode ser necessário uma análise das propostas pedagógicas dos cursos de formação ministerial oferecidos, buscando verificar a influência de perspectivas puramente humanistas e o afastamento das perspectivas teoreferentes.

Neste quesito ainda poderá se fomentar a criação de auxílio cooperativo financeiro para o fortalecimento das Instituições da denominação que mantêm a oferta de cursos de formação ministerial em Educação Cristã. Tão importante quanto à formação em Teologia, para o amplo atendimento às Igrejas, reforça-se a necessidade de haver educadores cristãos com excelente formação atuantes nas Igrejas locais.

### 3.7. FOMENTO À PESQUISA

A pesquisa é uma das formas de produzir o conhecimento e socializá-lo, isto porque oportuniza ao pesquisador o contato direto com as fontes que precisam ser investigadas, analisadas, aplicadas e elaboradas, a partir de uma problemática que se pretende responder, elucidar ou clarificar. A finalidade demarcada na produção científica é trazer à tona questões que envolvem o saber/fazer pertencentes ao contexto de atuação e que sem dúvida, torna-se o primeiro campo de observação e inquietação, visto que provoca o desejo de encontrar novas possibilidades para a realidade a ser enfrentada e experienciada.

A tentativa da busca de respostas a um problema é possibilitar o desvelamento de situações que promovam a inovação e, conseqüentemente, a transformação necessária para a realização de um projeto de cunho social. Sendo assim, ao direcionar a pesquisa para o campo ministerial há a ampliação de sua abrangência, no que se refere à formação dos sujeitos e a complexidade que lhe envolve. Isso porque, ao pensar no objeto da pesquisa, se pensa também no contexto, marcado tanto pela objetividade circundante como pela subjetividade que lhe é própria.

É possível usar a pesquisa para descobrir alternativas ao trabalho a ser efetivado no campo da formação, do ensino e da gestão de processos, recursos e talentos. O ato de pesquisa envolve habilidades que nortearão a trajetória ministerial do futuro obreiro, isso porque, pesquisar é desvelar a realidade, a partir de inferências, observações, estudo e aplicações metodológicas, que objetivam conhecer o desconhecido.

Sendo assim, elege-se a pesquisa como espaço ímpar de produção e construção do conhecimento, uma vez que pode aliar, de forma dinâmica e interdisciplinar, a teoria e a prática do que será experienciado, vivido, construído e investigado pelo obreiro diante do seu trabalho e ação ministerial.

Para a Educação Cristã avançar, enquanto área ministerial relevante para a denominação, ela precisa buscar atualização constante e crescimento no aspecto da pesquisa e ação. É necessário investir na criação de centros de pesquisas vinculados aos seminários ou a outras organizações interessadas, como é o caso da Ordem dos Educadores Cristãos Batistas da Brasil.

É necessário, também, criar uma biblioteca virtual ou uma plataforma para veiculação das pesquisas realizadas em todo o Brasil. Muitas pesquisas de excelente qualidade não ficam acessíveis ao povo batista.

O fomento à pesquisa também requer incentivos que podem ser tanto da ordem dos recursos financeiros, quanto da ordem da subjetividade, com benefícios intangíveis.

### 3.8. INCLUSÃO E ACOLHIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Jesus é o maior inclusivista que a humanidade conheceu, tendo em vista que o amor por ele pregado, tem como propósito salvar, curar, levantar o caído, dar uma nova visão, uma nova vida. Os textos que são relatados na Palavra de Deus, principalmente nos Evangelhos dão evidências

sobre o ministério de Jesus, suas ações, seu ensino, seus feitos e milagres. Nesse sentido, a inclusão acontece independentemente da ação puramente humana. Ela nasce primeiro no coração de Deus. O que compete, porém, na especificidade do termo da inclusão, é efetivar ações que expressem compaixão, solidariedade, graciousidade e empatia pelo próximo. É viver o amor, tal como evidenciado na vida e no ministério de Jesus.

Em todas as instâncias denominacionais, é urgente a necessidade de projetar ambientes inclusivos que contemplem rampas, sinalizadores táteis, elevador, quanto providenciar meios e recursos para o acolhimento e participação efetiva das pessoas, o que inclui tradutor de libras, bíblia em braile e materiais didáticos apropriados. Também é necessário observar as demandas sociais a fim de viabilizar meios de acolhimento de forma a proporcionar uma experiência de qualidade a todos os envolvidos. Inclusão e acessibilidade significam desenvolver uma visão dentro de uma realidade social que reconhece a todos os seus participantes como alvo da Graça Salvadora de Deus, indistintamente de raça, credo, gênero, condição econômica ou cognitiva.

Transmitir adequada e eficazmente a Palavra de Deus em todos os ambientes educacionais da denominação representa um desafio para o nosso tempo. É urgente instrumentalizar o povo batista em relação a este tema tão importante.

No âmbito do DEC, a temática sobre inclusão precisa tramitar nas mídias sociais da denominação com regularidade, em seus mais diversos meios de comunicação e ser parte integrante das reuniões sistemáticas da liderança denominacional, ocupando espaço de reflexão que favoreçam a possibilidade de fórum, congressos entre outros espaços de discussão e fomento.

Além disso, as igrejas, associações e convenções estaduais precisam ser orientadas sobre a adequação dos seus espaços e sobre como trabalhar no acolhimento físico, emocional e espiritual. Deve, por exemplo, pensar na estrutura física e de organização que facilite o acesso daqueles que possuem limitações de mobilidade e/ou percepção. Desta forma, o DEC-CBB deve prover material de orientação e capacitação para as igrejas neste quesito. A produção de conteúdo deve também incluir materiais adequados para todo o tipo de deficiência.

O projeto educacional da CBB e das igrejas precisa contemplar a inclusão, visando múltiplas ações educacionais e a acessibilidade e, ainda, estimar períodos para a formação inicial e permanente dos líderes. O projeto merece contemplar as demandas que a igreja do Senhor Jesus Cristo exige, de tal maneira que se possa ser direcionado pelo Espírito Santo para alcançar a excelência no serviço prestado.

### 3.9. FAMÍLIA E NOVAS GERAÇÕES

O desenvolvimento integral do ser humano requer que as suas dimensões (física, cognitiva, afetiva, espiritual) sejam contempladas no interior das práticas formativas que ocorrem no contexto da família e da igreja. Isso porque, não se pode pensar formação cristã sem a participação, integração e parceria entre família e igreja.



Família e igreja precisam caminhar lado a lado no ato de sistematização de uma proposta educativa. A colaboração entre igreja e família assegura a continuidade do processo formativo das gerações, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de atender os diferentes públicos. Ainda, favorece que igreja e família pensem juntas sobre uma proposta significativa que possa responder as demandas advindas da sociedade.

O ato de pensar de maneira colaborativa possibilita que haja cooperação e estreitamento dos relacionamentos entre Igreja e família, na medida em que a Igreja se apresenta ao lado da família e vice-versa. Essa interação solidifica os relacionamentos e oportuniza segurança, suporte e fortalecimento no desenvolvimento e na caminhada da vida cristã, a partir da aproximação e apoio mútuos.

A perspectiva intergeracional precisa fazer parte do trabalho formativo a ser implementado pela Igreja junto às famílias. Afinal, é na interseção entre Igreja e família que a proposta educativa ganha destaque, tendo em vista que se tornam conhecedoras do percurso a ser trilhado, bem como dos objetivos educativos a serem alcançados. Isso sinaliza que a Igreja precisa apresentar a sua proposta formativa às famílias, evidenciando o fim a ser atingido em sua ação, a saber: “Nós somos chamados para viver de acordo com a cultura do reino de Deus, e para pensar com a mente de Cristo” (YOUMANS, THRIFT; ALLEN, 2019, p. 14).

Aqui surge um universo de possibilidades tanto para a CBB, quanto para a própria igreja local. Afinal, para se ter e conquistar um trabalho de qualidade no campo formativo, faz-se necessário contar com um planejamento direcionado e articulado ao objetivo pretendido. Algumas ações que podem ser desenvolvidas pelo DER-CBB, com o objetivo de facilitar a consolidação da parceria entre família e igreja são:

- a) Apresentar uma proposta curricular completa para uma Escola da família que dê suporte aos ministérios com crianças, com casais e/ou com famílias nas igrejas e que inclua os princípios, a fim de dar unidade ao trabalho em todo o Brasil;
- b) Elaborar, publicar e distribuir devocionais para a família a partir de princípios bíblicos e outros materiais de apoio para pais e filhos;
- c) Estabelecer e operacionalizar calendário de oração que envolva toda a denominação na tarefa de fortalecer a relação família-igreja e apresentar as necessidades das famílias em oração;
- d) Publicar conteúdos online e offline sobre as características das gerações, incluindo orientações e sugestões de materiais saudáveis, como literatura infantil, vídeos, desenhos animados, cânticos, dentre outros, que auxiliem pais e líderes;

Muitos outros pontos poderão surgir como desdobramentos daquilo que foi exposto nestes nove blocos de diretrizes. O objetivo não é fechar nenhum dos blocos, mas apenas lançar luzes em direção aos caminhos que se podem seguir.

Para operacionalizar todas essas diretrizes expostas, tanto no âmbito da CBB, da convenção estadual, quanto da igreja local, há uma figura central que precisa ter a sua ação e perfil bem

definido e valorizado. A presença do educador cristão em qualquer uma destas esferas, pode ser fator essencial para consolidar uma proposta formativa completa, equilibrada e centrada na visão teo-referente.

#### 4. PERFIL MINISTERIAL DO EDUCADOR CRISTÃO

O educador opera numa esfera diretamente colaborativa com as lideranças pastoral, adoração e evangelística. Na pastoral contribui no aprofundamento dos temas de planejamento estratégico, comumente abordados nos sermões, dirimindo detalhes que dizem respeito à fé e à sã doutrina. Na adoração auxilia na compreensão da cosmovisão bíblica, permitindo que o adorador, abastecido de conhecimento bíblico sólido perceba sua identidade em Deus e assimile seu lugar no plano de salvação, facilitando sua entrega de adoração no ato de culto. E na evangelística, o educador tem papel de incentivar e capacitar o cristão para iniciativas de zelar e testemunhar no exemplo e na transmissão da mensagem de redenção.

O educador cristão é reconhecido como um discípulo vocacionado por Deus e confirmado pela igreja para atuar no ministério educacional em seus diversos campos, por isso, ele deve ter formação ministerial específica em Educação Cristã, o que ajudará no desenvolvimento da proposta educacional a ser implementada no âmbito da Igreja.

No exercício do ministério, o Educador Cristão mobiliza, organiza e supervisiona todas as ações necessárias para manter e aprimorar a Educação Cristã no contexto em que está apoiando. O Educador Cristão pode assistir de diversas formas, conforme o papel exercido. Dentre elas figura-se a função de ministro, coordenador, assessor, educador social e ou missionário.

**1. Ministro de Educação Cristã:** contribui para o alcance da visão da igreja por meio de processos e recursos educacionais. Junto com a equipe, avalia a realidade educacional da igreja e estabelece necessidades e prioridades que precisam de intervenção. Conduz todo o programa e estrutura educacional da igreja e/ou instituição, incluindo a construção, implementação, supervisão e avaliação do seu Projeto Educacional Cristão (PEC).

Recomenda-se recursos materiais e financeiros destinados à Educação Cristã, além de interagir como formador, comunicador e mobilizador de pessoas para empreenderem nas variadas funções em um clima de cooperação, entrosamento e respeito entre si. Presta apoio educacional aos demais ministérios da igreja, além de aconselhar e discipular sua equipe e a comunidade eclesial.

**2. Coordenador Educacional:** trabalha sob a orientação geral da Educação Cristã da igreja e é responsável por traduzir e aplicar o programa educacional para uma área, grupo ou organização específica. Ele estimula a produtividade, oferecendo ferramentas que facilitam o cumprimento das tarefas/atividades dentro do programado/planejado.

O Educador Cristão coordenador, também, pode colaborar com foco específico no planejamento, na execução e avaliação dos currículos e métodos a serem adotados pela igreja. Nesta modalidade, ele promove a construção da prática educativa que contribui para o amadurecimento do cristão e o seu foco de trabalho é o da equipe educacional da igreja.

3. **Assessor educacional:** orienta e acompanha a equipe educacional da igreja na elaboração do seu projeto educacional ou em algum outro projeto específico. Nesta modalidade, ele presta serviço por tempo pré-determinado, de forma não exclusiva e a partir de um contrato específico. Este tipo de assistência é desejável para regiões que haja poucos ministros disponíveis para atender a várias igrejas e/ou instituições que necessitem de auxílio.
4. **Educador Social:** atua, prioritariamente, na inclusão de grupos vulneráveis ou marginalizados, contribuindo para a reconstrução do bem coletivo a partir das relações sociais e espirituais, em especial, da autoimagem original, dada pelo Criador. O Educador social pode contribuir na gestão de instituições e/ou na coordenação de projetos sociais específicos.
5. **Missionário:** está empenhado na plantação de igrejas e no apoio a projetos sociais e evangelísticos desenvolvidos no campo. Envolve-se em relacionamentos intencionais com objetivo de partilhar o evangelho, discipular, ensinar, aconselhar e cuidar da comunidade em que atua. Também trabalha em prol da construção, implementação, supervisão e avaliação de projetos educacionais.

Muito se poderia desejar para o perfil de um Ministro de Educação Cristã. Um trabalho recente da OECBB aponta alguns detalhamentos para o trabalho de um ministro de Educação Cristã:

Com relação às competências e habilidades do Ministro de Educação Cristã destacam-se algumas recomendações: ter convicção de sua vocação; ética e Integridade; firmeza nos princípios bíblicos e doutrinários; boa comunicação oral e escrita; bom relacionamento interpessoal; habilidades para o trabalho em equipe; constante atualização dos conhecimentos; autoimagem positiva; otimismo e entusiasmo; criatividade; pontualidade e proatividade.

No ministério da Educação Cristã na Igreja e/ou instituição ressaltam-se algumas responsabilidades esperadas, tais como: avaliar a realidade educacional da igreja ou instituição, juntamente com a equipe, e estabelecer necessidades e prioridades que precisam de intervenção; gerenciar todo o Projeto Educacional Cristão, incluindo a sua construção, implementação, supervisão, avaliação e redirecionamento; estabelecer processos e gerir recursos (humanos, financeiros e estruturais) que promovam o bom funcionamento da área educacional e o alcance de seus objetivos; mobilizar e potencializar pessoas para atuarem nas variadas funções num clima de cooperação, entrosamento e respeito entre si; desenvolver uma comunicação aberta e direta entre todos os participantes,

assegurando o engajamento de todos os envolvidos; estimular a produtividade, oferecendo ferramentas que facilitam o cumprimento das tarefas/atividades dentro do programado/planejado.

No capítulo a seguir, o documento traz a proposta de organização de um Projeto Educacional Cristão – PEC a ser implantado em cada Igreja Batista. Este dará à Igreja direção e encaminhamento em suas ações educacionais e trará as orientações para elaboração de um PEC.

A EDUCAÇÃO  
CRISTÃ NA  
IGREJA LOCAL

CAPÍTULO 3

Depois de conhecer as bases da Educação Cristã Batista e as diretrizes educacionais para a Convenção Batista Brasileira, chegou o momento de apresentar um caminho para que a igreja local operacionalize a Educação Cristã no seu dia a dia. É importante que cada igreja elabore seu próprio projeto educacional, entrelaçando as bases apresentadas ao seu contexto específico.

Este capítulo auxilia a igreja a compreender a importância de ter um Projeto Educacional Cristão, doravante chamado de PEC, ao mesmo tempo em que apresenta os pressupostos e as questões fundamentais para a sua elaboração, implementação e avaliação. A proposta neste momento é de oferecer uma visão panorâmica, ficando para uma publicação posterior, o detalhamento de cada um dos itens e dos seus respectivos instrumentos.

É importante destacar que o PEC deve abranger todas as áreas relacionadas ao ensino na igreja e não apenas à escola bíblica ou outras organizações educacionais específicas. A sua elaboração deve ficar sob a responsabilidade da área ou ministério educacional da igreja, sendo apoiada e acompanhada pelo ministério pastoral.

A elaboração de um PEC deve ser sempre o resultado de uma construção coletiva. A razão é que, quanto mais pessoas envolvidas, apresentando diferentes olhares e contribuições, mais rápido a igreja compreenderá suas necessidades e se engajará nas possíveis soluções.

Desta forma, é necessário formar uma equipe sistematizadora para a sua elaboração. Esta equipe pode ser composta pela liderança educacional já instituída na igreja ou, quando ainda não há uma liderança, por pessoas escolhidas especialmente para este objetivo, observando se possuem conhecimento ou paixão pela área educacional. Quando a igreja tiver um Educador Cristão, ele poderá conduzir a equipe organizadora; não havendo, o pastor, ou alguém indicado por ele, poderá assumir a liderança do processo de elaboração, implantação e avaliação do PEC.

## 1. O PEC E SEUS CONCEITOS FUNDAMENTAIS

O PEC é definido como um documento intencional e sistematizado coletivamente. Ele contém a proposta pedagógica a ser realizada a partir do contexto da igreja local, para aprimorar e ampliar o alcance da sua ação educativa, tendo como base a Palavra de Deus.

Construir um PEC é planejar o percurso que conduzirá toda a comunidade eclesial ao fundamento, aos pilares e ao propósito da Educação Cristã. Ele ajudará a igreja local a entrelaçar as bases formativas no atendimento das demandas educacionais geradas em seu contexto, além de oportunizar a criação, a utilização e a aplicação de estratégias que objetivam alcançar os resultados estabelecidos para este tempo. É importante que seja um documento organizado e acessível, a fim de que todos os membros o consultem a cada tomada de decisão no âmbito educacional.

O PEC precisa ser, ao mesmo tempo, completo e flexível – completo para atender as demandas apresentadas; e flexível o suficiente para se ajustar às situações novas que vão aparecendo durante a sua aplicação e, também, para minimizar possíveis equívocos.

A elaboração do PEC deve ser precedida da compreensão de alguns conceitos fundamentais que delineiam a visão educacional da igreja e que funcionará como ponto de partida para a construção do documento. É primordial que se sistematize de forma simples, contudo, é preciso ter uma boa base bíblico-conceitual dentro do PEC, já que sem essa base, ele poderá tornar-se uma descrição de ideias sem fundamentação.

Essa base conceitual poderá ser sistematizada por meio de uma Declaração Educacional. O que vem a ser isso?

Uma Declaração Educacional é uma lista de posicionamentos bíblico-teológico-pedagógicos, que darão base para as questões fundamentais do PEC e que poderão resultar numa prática sólida sobre o processo educativo a ser implementado.

A Declaração Educacional poderá ser organizada conforme ilustrado no *template* ao lado, compondo uma sequência de pequenos parágrafos que resumem o que a igreja pensa a respeito do fundamento, dos pilares, do propósito, do contexto da Educação Cristã e, também, dos pressupostos educacionais que serão descritos a seguir.

**TEMPLATE**

**Declaração Educacional da Igreja...**

1. O fundamento...
2. Os pilares...
3. O propósito...
4. O contexto...
5. Os pressupostos:
  - 5.1. Ensino-aprendizagem...
  - 5.2. Currículo...
  - 5.3. Metodologia...
  - 5.4. Formação docente...
  - 5.5. Avaliação...
  - 5.6. Acessibilidade...

## 1.1. PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O que significa aprender? O que significa ensinar? Existem muitas teorias de aprendizagem que são fartamente encontradas em obras de Pedagogia e Psicologia da Educação. Desde os tempos do Antigo Testamento encontram-se orientações sobre o ensinar e o aprender, como o clássico texto de Deuteronômio 6: ensinar, e ensinar em todo o tempo. Wilkinson (1998) demonstra que, no Hebraico, as palavras 'ensinar' e 'aprender' vêm de uma mesma raiz, cuja tradução indica que ensinar não é somente transmitir, mas é tudo aquilo que o professor imprime na vida do aluno. Na prática, isso significa que o ensino só pode ser verificado a partir daquilo que os alunos aprendem. A partir dessa prerrogativa, é possível afirmar que ensinar e aprender é um movimento interrelacionado.

O processo ensino-aprendizagem tem um papel preponderante na missão educacional da Igreja e a maneira como ela compreende esse processo deverá estar presente no PEC. Assim, a igreja deverá definir seu conceito sobre os processos de ensinar e aprender e ao fazê-lo precisa ser objetivo e claro, uma vez que este item permeará os demais itens da Declaração Educacional.

## 1.2. CURRÍCULO

De uma maneira geral, um currículo indica o caminho em que uma instituição de ensino deseja caminhar. O currículo norteia não somente os temas a serem estudados, mas também a forma como serão trabalhados e como as vivências dos alunos compartilhadas nos espaços educativos trazem aprendizagens.

Um currículo cristão objetiva não apenas transmitir o conhecimento, mas o crescimento e o desenvolvimento de cada aluno em sua caminhada de fé, operada pela ação do Espírito Santo, buscando desenvolver valores, atitudes, habilidades, sensibilidades e comportamentos compatíveis com a vida cristã. O que se deseja num currículo cristão é ajudar pessoas a se parecerem cada vez mais com Jesus.

O PDER (2010) já trazia a sugestão de que cada igreja definisse seu próprio currículo. Porém, não havendo, por qualquer razão, a possibilidade desta construção, encontram-se disponíveis, no mercado literário, diversos trabalhos editoriais que, por meio de periódicos, podem auxiliar as igrejas na execução desta tarefa.

Neste momento, a igreja deverá decidir se construirá seu próprio currículo ou se adotará um currículo externo, justificando esta escolha na Declaração Educacional. Na primeira opção, ela deverá, também, elaborar uma base conceitual para o seu currículo, que deve ser feita de forma clara e simples.

Para a utilização de currículos preparados por editoras ou fornecedores externos, é necessário observar se atendem às demandas da igreja local. Um currículo organizado e coerente com o contexto local é fator preponderante num PEC. Algumas igrejas, sem uma direção curricular adequada, podem misturar diversos materiais sem objetivos ou sequência pré-definidas que ajudem a alcançar o seu propósito. Ainda há o risco de se utilizar literatura que contém ensinamentos equivocados, teológica e doutrinariamente, podendo trazer prejuízo no desenvolvimento e crescimento da fé.

## 1.3. METODOLOGIA

O sentido da palavra metodologia é o de “caminho” ou caminhos, que levam a algum lugar. Na Pedagogia e mais especificamente na Didática, a metodologia é um importante elemento para que o processo ensino-aprendizagem possa ter maior eficácia e alcance dos objetivos determinados. A descrição de uma boa metodologia direcionada ao ensino e à aprendizagem deve constar no PEC.

O século XXI, considerado o século da comunicação, tem falado em metodologias participativas ou ativas por meios midiáticos. Este novo formato traz a inovação do ensino *blended*, misturando formas presenciais e não presenciais, que atende bem às gerações mais novas. Utilizar metodologias mais participativas parece ser, hoje, uma prerrogativa para esse tempo com atividades mais complexas, levando alunos a produzirem resultados para suas próprias vidas.



O PEC deverá pontuar na Declaração Educacional o que a equipe organizadora compreende como sendo as metodologias mais adequadas para atender as demandas e necessidades da igreja, partindo de questões, tais como: qual o perfil dos aprendizes em cada faixa etária? Quais as condições estruturais dos ambientes educacionais? Quais habilidades a equipe docente já possui? Em caso de uso de currículo de fornecedor, qual é a proposta metodológica apresentada no material? As respostas a estas perguntas serão norteadoras para a elaboração deste item dentro da Declaração Educacional.

#### 1.4. FORMAÇÃO DOCENTE

Em relação à formação do quadro docente, destaca-se o zelo em reunir pessoas vocacionadas ao ensino, capacitadas para o exercício do ministério, responsáveis por sua conduta, conforme recomenda o apóstolo Paulo a Timóteo (2Tm 2.15). A formação docente requer um processo permanente de seleção, capacitação e acompanhamento que devem estar bem definidos na Declaração Educacional.

A previsão de momentos de capacitação do quadro docente traz segurança ao ministério educacional. Os processos avaliativos para a equipe educadora visam abordar questões que promovam o encorajamento dos integrantes, o acolhimento dos recém-chegados, o amor pelo serviço cristão e o desenvolvimento pessoal e relacional de verdadeiros discípulos de Cristo.

#### 1.5. AVALIAÇÃO

Avaliar faz parte da vida, bem como dos processos educacionais, pessoais e corporativos. O PEC deve priorizar questões avaliativas tanto nos processos ensino-aprendizagem, quanto na docência, na gestão e nas demais ações do Ministério Educacional da Igreja. É importante para o educador cristão ter um olhar voltado para os critérios de avaliação, por isso é essencial que seja o primeiro a se submeter a avaliações sistemáticas de seu trabalho.

A **avaliação de resultados de aprendizagem** poderá ser expressa pela observação das atitudes e dos valores e não somente da quantificação de informações e dados de eventos bíblicos. Ao se pensar nas contribuições do ensino bíblico, avalia-se: o que está sendo acrescentado à vida do aluno? Os resultados esperados foram alcançados? O processo avaliativo foi eficaz?

A **avaliação da boa gestão** deve ser realizada com todos os pares atuantes no ministério educacional. Ela deverá ocorrer de forma sistemática em reuniões regulares, por meio de questionários, enquetes e entrevistas, com a finalidade de levantar pontos positivos e negativos do trabalho que vem sendo realizado. Desta forma, obtém-se o feedback para implementação de novas ações e redirecionamentos. Inovações sem avaliações podem provocar inseguranças no grupo.

A **avaliação do corpo docente** é primordial para a qualidade do processo educativo e, também, deve ser realizada sistematicamente. Em se tratando de ministério educacional há algumas singularidades na execução deste processo, uma vez que os docentes são servos voluntários e, muitas

vezes, não são técnicos da educação. Estes fatores tornam a avaliação docente delicada e deverá ser realizada de forma cuidadosa, dialogal ou estruturada por meio de formulários. Para que o trabalho do docente seja valorizado, é importante destacar fatores motivacionais e contribuições que auxiliem o professor em seu ministério educativo.

O processo avaliativo visa trazer reflexão para a realização de novas ações previstas que mereçam ser acrescentadas ao PEC. Assim como nos itens anteriores, a Igreja também deverá definir sua própria conduta avaliativa na Declaração Educacional.

## 1.6. ABRANGÊNCIA DAS AÇÕES EDUCACIONAIS E DE ACESSIBILIDADE

Cada organização possui um público distinto e cabe à liderança criar mecanismos que viabilizem meios de favorecer, indistintamente, a recepção da mensagem bíblica de maneira eficaz. O PEC também deve apresentar em sua Declaração Educacional práticas pedagógicas que expressem o cuidado necessário aos temas associados à acessibilidade e inclusão.

Os processos de ensino devem estar firmados nos princípios da equidade, flexibilização e integração, tão presentes no ministério de Jesus e, também, contemplados em importantes diretrizes da sociedade brasileira. A flexibilização deve estar presente na comunicação, na atenção às deficiências cognitivas, barreiras físicas e o que concerne ao atendimento da pessoa com deficiência. É preciso buscar adequação curricular e metodológica, capacitação do corpo docente, processos avaliativos para incluir todos os participantes na Educação Cristã.

Há que se priorizar novas alternativas capazes de garantir o direito de acesso, permanência e continuidade deste público no âmbito eclesiológico, uma vez que possibilitará aos participantes a oportunidade de experimentar o acesso ao conhecimento bíblico e à comunhão fraterna num ambiente acolhedor, assimilando na integralidade o que é ser um discípulo de Jesus. Desta forma, a igreja se apresenta como uma instituição integrante da sociedade e deve revelar-se comprometida com a equidade, tornando-se num espaço de integração e acolhimento humano, independentemente de sua condição físico-intelectual.

## 2. QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE UM PEC

Com a declaração educacional pronta, é necessário avançar na elaboração do PEC a partir de cinco questões fundamentais que precisam ser respondidas de forma sequencial, utilizando instrumentos específicos e estruturados. A resposta e a sistematização destas grandes questões deixarão o PEC completamente pronto para seguir, posteriormente, para a etapa de execução e avaliação. As questões são: onde nós estamos? Aonde queremos chegar? Qual o caminho a ser adotado? Como sistematizar o mapa da caminhada? Como avaliar e redirecionar a caminhada?

## 2.1. ONDE NÓS ESTAMOS?

Para que o projeto seja totalmente customizado para a igreja local e possível de ser executado, é importante que se faça um levantamento de sua condição atual, do seu perfil de funcionamento, dos recursos humanos, materiais e financeiros que disponibiliza, no momento inicial da elaboração do PEC.

Neste ponto é importante identificar informações essenciais por meio de pesquisa, tratamento dos dados coletados e tabulações. Ao tentar desenhar qualquer perfil de funcionamento de uma igreja, tende-se a ser superficial e, às vezes, até espiritualizar a realidade que se está observando. Essa é uma tendência natural, pois ao tratar de assuntos do reino e do serviço a Deus, os aspectos afetivo e espiritual ficam bastante evidentes. Entretanto, para obter um perfil fiel à realidade, é necessário ir mais a fundo, dedicando tempo e recursos para se obter um olhar mais apurado.

Na intenção de oferecer ferramentas ao educador foram selecionados três instrumentos que constam do Planejamento Estratégico Educacional da CBB – PEE, documento elaborado em 2008, pelo extinto Comitê de Educação Religiosa da CBB, disponível na íntegra para download no site da Convenção Batista Brasileira, por meio do link <https://convencaobatista.com.br/siteNovo/buscas/educacaoReligiosa.php> e que são apresentados de forma resumida abaixo.

### PERFIL DE FUNCIONAMENTO DA IGREJA

A utilização do instrumento “Perfil de funcionamento da Igreja” oferece a análise da infraestrutura, das condições de funcionamento (instalações e equipamentos) e dos recursos humanos e materiais, para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de maneira adequada. Para esta análise, devem-se observar alguns aspectos, tais como:



As instalações da igreja são bem conservadas, têm aparência atrativa, são limpas e mantidas em condições adequadas de uso, ainda que sejam simples;



Os espaços disponíveis estão sendo otimizados e utilizados de maneira adequada;



A igreja está acessível para pessoas com deficiência em todos os seus ambientes educacionais;



A quantidade de salas de aula ou espaços educacionais atendem às necessidades da área de ensino;



Há outros espaços no entorno que poderiam ser utilizados pela igreja, caso seja necessário, como escolas, clubes, parques etc.



Os membros têm consciência de sua participação na conservação do patrimônio da igreja;



O número de pessoas nas equipes é suficiente e elas estão preparadas para as atividades educacionais elaboradas;



Os recursos materiais e a literatura utilizada atendem aos objetivos estabelecidos;



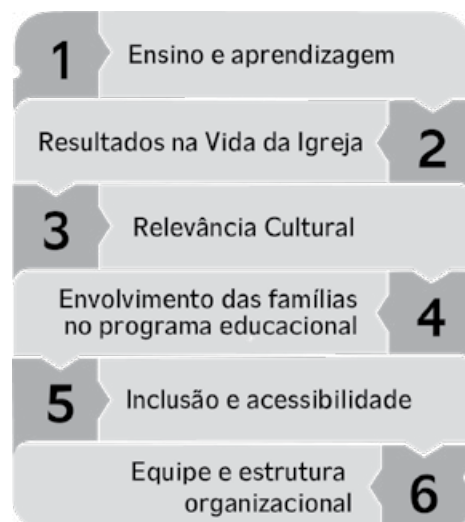
Existem projetos educacionais que já estão em andamento ou que já tiveram resultados alcançados ao longo do tempo.

A sistematização de todos estes itens irá ajudar a olhar com mais propriedade para o perfil de funcionamento da igreja. Mas, apenas isso não é suficiente, é necessário, também, medir a eficácia da área educacional.

## ANÁLISE DOS CRITÉRIOS DE EFICÁCIA

Para avaliar a eficácia no ensino bíblico e na gestão educacional recomenda-se a “Análise de critérios de eficácia”. Este instrumento traz 6 critérios de análise que poderão ajudar a equipe do PEC a identificar as necessidades voltadas à eficácia: (1) Ensino e aprendizagem; (2) Transformação de Vidas; (3) Relevância Cultural; (4) Envolvimento das famílias no programa educacional; (5) Inclusão e acessibilidade; (6) Equipe e estrutura organizacional.

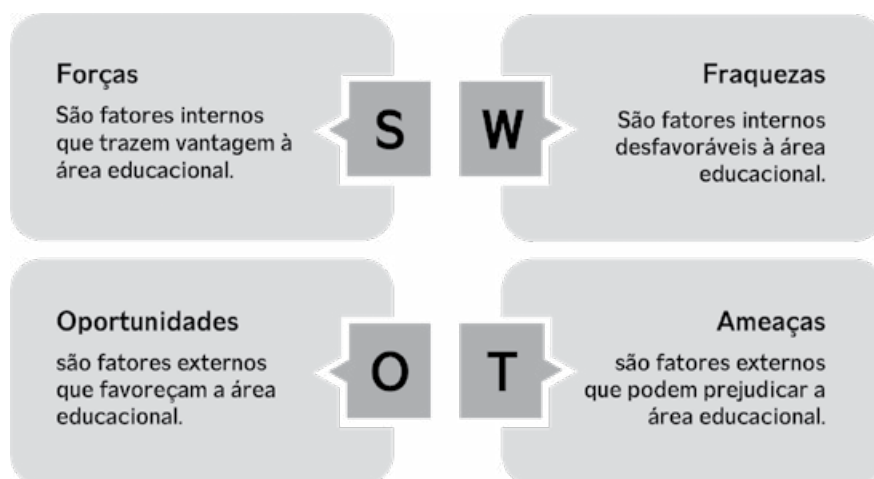
O instrumento pode ser customizado para avaliar outros critérios de eficácia, caso a igreja entenda que seja necessário. É importante lembrar de que se trata de um instrumento quantitativo e pode causar alguma estranheza, pois se está acostumado a avaliações mais qualitativas. Entretanto, vale reafirmar a sua importância, uma vez que ele atribui nota para cada critério e nota geral para a área educacional. Desta forma, ele pode ser aplicado em períodos diferentes e o seu resultado utilizado como parâmetro de crescimento ou não da eficácia educacional da igreja. Vale a pena utilizar!



## MATRIZ SWOT

Como ferramenta de gestão, sugere-se o uso da Matriz SWOT a fim de auxiliar na direção do planejamento. Com ela, toda a equipe obterá uma visão clara dos pontos fortes e das dificuldades da área educacional, orientando a tomada de decisões. Sua aplicação não é definitiva e recomenda-se a revisão periódica dentro de prazos pré-definidos, pois tratando-se de gestão para este tempo, o fator qualidade não está dissociado do quesito velocidade. Portanto, para manter o nível de qualidade é indispensável que a velocidade esteja aliada enquanto *feedback*, durante o processo.

A ferramenta possui quatro campos para discussão, conforme segue:



A matriz SWOT constitui-se do levantamento coletivo destes fatores e do posterior cruzamento matricial deles. É neste entrelaçamento de fatores que surgirão pontos importantes que deverão ser enfrentados na etapa seguinte.

Após a aplicação dos três instrumentos, é muito importante que se faça uma síntese ou resumo dos principais achados, organizando-os em tópicos muito claros. Para isso, é preciso juntar a síntese inicial de cada instrumento e depois fazer uma síntese geral. As informações levantadas possibilitam a análise dos pontos fortes da área educacional e, também, das necessidades, dificuldades ou pontos sensíveis a serem supridos com o PEC.

### 2.2. AONDE QUEREMOS CHEGAR?

Agora que já sabe onde se está e qual é o cenário real que se precisa intervir, é importante começar a sonhar com a nova realidade, ou seja, aonde se quer chegar. É necessário antever o futuro, antes de traçar o caminho para se chegar lá. Este sonho requer a volta ao primeiro capítulo deste documento, ou seja, ao fundamento, aos pilares e ao propósito da Educação Cristã expressos na Palavra de Deus. Ao confrontar a realidade com os pontos levantados pelos instru-

mentos com estes conceitos fundamentais, pode-se começar a desenhar o sonho de uma outra realidade para a igreja local.

Uma das formas de fazer isso é por meio da definição de missão, visão, valores e objetivos. Estas definições são constitutivas da identidade educacional, ou seja, a descrição da importância deste ministério e de como ele pode ser um promotor de mudanças e ações na vida das pessoas.

Caso a igreja já tenha uma missão, visão e valores bem estabelecidos, caberá à área educacional alinhar-se à identidade já estabelecida, contribuindo de forma singular para o seu alcance. Nestes casos, a própria descrição deve ser derivada dos textos da missão, visão e valores da igreja. No caso de a igreja não ter essas definições estabelecidas, a área educacional deve fazê-la de forma coletiva, com a participação do maior número possível de servos dedicados ao exercício educacional. Compete agora apresentar a definição de cada um deles.

### Missão Educacional

A missão é uma declaração sobre a razão de ser da área educacional da igreja. Ela informa sobre o sentido da sua existência e que tipo de serviços ela presta à congregação. A missão cria um clima de comprometimento da equipe educacional com o trabalho que ela realiza e com o seu futuro. A definição da missão serve de critério geral para orientar a tomada de decisões, para definir objetivos e auxiliar na escolha das decisões estratégicas. Assim, na definição de missão as seguintes questões devem estar respondidas: Qual a razão de ser da Educação Cristã? O que faz? Para quem faz? Como faz?

### Visão Educacional

A visão de futuro define o que área de educação cristã da igreja pretende no futuro, criando um clima de envolvimento e comprometimento. Ela incorpora o sonho e a direção que o ministério educacional deve apontar. A definição de onde se quer chegar, permite entender com clareza o que é preciso mudar na área educacional ou como ela precisa mudar para que a visão seja concretizada. A visão, escrita de forma sucinta, objetiva e fácil de compreender, deixa claro o propósito educacional da igreja, refletindo os valores compartilhados e impulsiona a buscar seus objetivos apesar das dificuldades. O enunciado deve ser claro, positivo, inspirador e desafiador. Em geral é expresso com um verbo no infinitivo e é responsabilidade da liderança criá-lo. A visão de futuro é estável e única para cada Igreja, cada ministério educacional, por isso não deve ser genérica.

### Valores da Educação Cristã

Os valores são fundamentais para a Educação Cristã na igreja. Representam as convicções dominantes, as crenças básicas, aquilo que a maioria das pessoas da igreja acredita como princípios inegociáveis. Os valores, ainda, descrevem como a área educacional pretende atuar enquanto busca realizar sua visão. Eles são uma fonte de orientação e inspiração. São firmados na Palavra de Deus e vão servir de motivação para as ações dos membros que servem na área educacional da igreja. Apresentam o ideal de conduta cristã para que cumpram seus objetivos. Os valores devem ser aceitos e internalizados por toda a equipe e membros que estão integrados na área educacional da Igreja.

### Objetivos

São grandes alvos a serem alcançados num dado período. Devem expressar as necessidades levantadas na síntese geral dos três instrumentos aplicados na fase anterior e que estão relacionados à visão, à missão e aos valores estabelecidos. Estes objetivos direcionarão o trabalho educacional da igreja e impulsionarão os seus esforços.

## 2.3. QUAL É O CAMINHO A SER ADOTADO?

Agora que já se conhece o local onde se está e já foi estabelecido aonde se quer chegar, é necessário criar um caminho prático e efetivo para a vivência dos valores, o alcance da missão, visão e objetivos. Para isso, é preciso criar um caminho, uma espécie de guia para tomada de decisões que visem transformar o pensamento estratégico em ações práticas. Este caminho é, também, chamado de Plano de ação.

Assim como os demais atos anteriores, a criação de planos de ação deve ser uma atividade coletiva. Esta é a única forma de engajar pessoas na sua execução. Pessoas poderão se envolver mais facilmente em projetos que elas ajudaram a construir do que em projetos que foram pensados por outras pessoas. Desta forma, para ter equipes executivas para cada plano, é importante que essas equipes já estejam estabelecidas para a sua elaboração, mesmo que ainda não estejam completas.

Os planos de ação são constituídos de estratégias, metas, ações, custo, cronograma, responsável, resultado esperado, indicador. Veja, agora, a descrição de cada uma das partes de um Plano de ação:

**Estratégias** – Cada objetivo levantado na fase anterior, deve gerar de duas a quatro estratégias expressivas, listadas de acordo com uma ordem racional ou de prioridade. As estratégias são

duráveis e possuem natureza qualitativa. O enunciado das estratégias deve ser simples, conciso e objetivo, começando sempre com um verbo no infinitivo.

**Metas** – As metas definem os resultados que devem ser atingidos em curto, médio e longo prazos. Elas são meios para que os objetivos possam ser alcançados. Descrevem as ações específicas quantificadas e mensuráveis que irão apoiar as estratégias amplas. Metas precisam ter um prazo de execução (começo e fim definidos para não confundir com atividades de rotina).

**Ações** – A cada meta corresponde a uma ou mais ações com um encadeamento lógico. Assim, deve-se perguntar: o que é preciso fazer em primeiro lugar para que tal meta seja atingida? E em segundo lugar? E assim por diante.

**Custo** – Ter um orçamento compatível com as características da igreja e as necessidades apresentadas no PEC. Se não houver orçamento já estabelecido, deve ser apresentado um custo estimado.

**Cronograma** – Estabelecer o tempo previsto para cada ação ou conjunto de ações ao longo do PEC. Cada plano de ação tem seu cronograma e a união de todos eles formam o cronograma geral do PEC.

**Responsável** – Esta parte deve apresentar quem serão os atores de cada ação do plano. Atividades sem responsável indicado, certamente não serão executadas.

**Resultado esperado** – Especificar o que se espera daquela ação que será desenvolvida. Qual a parte dela para o resultado geral do plano.

**Indicador** – Utilizar os critérios de eficácia que foram observados no levantamento do perfil de funcionamento.

Geralmente, o plano de ação é organizado em um quadro que é preenchido coletivamente como o que apresentamos a seguir:

### Plano de Ação

Objetivo: \_\_\_\_\_

Estratégia	Metas	Ações	Custo	Data/Início	Data/Fim	Responsável	Resultado Esperado	Indicador



É importante lembrar de que será feito um plano de ação para cada objetivo e que eles podem ser trabalhados em equipes menores, formadas por pessoas que estejam identificadas com o assunto a ser desenvolvido. Isso será muito importante para as etapas posteriores.

Quando todos os planos estiverem prontos, poderá ser elaborado um cronograma geral do PEC, unindo todas as ações numa única linha do tempo, que facilitará a sua implementação. É por meio dos planos de ação que a liderança do ministério terá condições de acompanhar o andamento de todas as mudanças previstas no documento.

Para facilitar o acompanhamento das ações, é importante incluir a previsão de reuniões periódicas de avaliação e redirecionamento. Quando este período sistemático de avaliação estiver previamente estabelecido, ficará mais fácil o alinhamento. Vale lembrar que, quanto mais pessoas forem envolvidas na elaboração do PEC, mais fácil será o engajamento na implementação e mais disposição da equipe para avaliação.

## 2.4. COMO SISTEMATIZAR O MAPA DA CAMINHADA?

A essa altura, o PEC já está praticamente pronto, mas ainda há uma parte muito importante a ser concluída: a organização de todas as informações em um único documento sistematizado e claro, que possa ser apresentado e disponibilizado para toda a igreja. O PEC funcionará como um mapa para todos os que servem na área de ensino.

É muito importante que se evite usar linguagem excessivamente técnica ou rebuscada que dificulte a leitura e a compreensão dos membros da igreja a cada parte do documento. Essa sistematização pode ser feita de diversas maneiras, mas fica aqui uma sugestão de um sumário simples para o documento:

- Capa
- Palavra pastoral
- Palavra da equipe sistematizadora do PEC
- Apresentação da igreja (breve histórico e apresentação da estrutura educacional)
- Declaração educacional da igreja (resumo das bases da Educação Cristã e dos pressupostos que a igreja abraça em relação a ensino-aprendizagem, currículo, metodologia, avaliação, formação docente e inclusão)
- Onde nós estamos? (resumo geral dos dados levantados a partir dos instrumentos de avaliação situacional e apresentação das necessidades educacionais encontradas)
- Aonde queremos chegar? (visão, missão, valores e objetivos)
- Qual é o caminho a ser adotado? (planos de ação elaborados para cada objetivo)

- Capa
- Palavra Pastoral
- Palavra da Equipe
- Apresentação da Igreja
- Declaração educacional da Igreja
- Onde nós estamos?
- Aonde queremos chegar?
- Qual é o caminho a ser adotado?
- Detalhamento do caminho
- Considerações finais

- Detalhamento do caminho – Recursos necessários (resumo geral do investimento necessário para a implementação do PEC) e Cronograma geral do PEC (incluindo as ações de acompanhamento e redirecionamento)
- Considerações finais

Depois do documento totalmente sistematizado, chegou a hora de torná-lo conhecido e abençoar a igreja com todo o esforço empreendido no seu planejamento. Diversas ações podem ser desenvolvidas com o objetivo de fazer o PEC conhecido, tais como:

1. Apresentar o projeto à igreja em um domingo especialmente voltado para a Educação Cristã e motivar as pessoas para uma ação conjunta a partir da exposição de cada parte;
2. Publicar o documento no site da igreja, distribuir resumos impressos aos membros, enviar o arquivo em PDF nos grupos de aplicativos que a igreja utilize;
3. Aproveitar os momentos de formação, capacitação das equipes da igreja para apresentação dos novos conceitos do PEC – trabalhar a comparação entre antigas e novas propostas;
4. Reuniões periódicas com professores e lideranças educacionais para estudo de partes do PEC e acompanhamento do seu processo de implementação;
5. Reuniões com outros grupos ministeriais que entrelacem com a Educação Cristã;
6. Utilizar recursos variados para sensibilizar e promover discussões sobre os fundamentos e objetivos do PEC na igreja;
7. Transformar os pontos principais do PEC em postagens periódicas nas Redes Sociais da igreja. Assim, as pessoas vão absorvendo e interagindo com conteúdo, ao mesmo tempo em que o consolidam em suas mentes.

## 2.5. COMO AVALIAR E REDIRECIONAR A CAMINHADA?

Durante a caminhada, prepare-se para enfrentar as resistências, elas são inevitáveis! É necessário que as pessoas percebam o embasamento do PEC na Palavra de Deus, o alinhamento com as necessidades da igreja e objetivos claramente definidos.

Motivar as pessoas por meio da fé e da presença constante do Senhor, “eis que estou convosco todos os dias” (Mt 28.20), com criatividade, incentivo, apoio e suporte necessário para que elas se sintam seguras e engajadas na implantação do Projeto.

Reunir a equipe e traçar os passos para alcançar os objetivos seguindo o cronograma estabelecido. Faça avaliações periódicas – A avaliação é uma ferramenta de sucesso, para qualquer planejamento. Avaliar suas ações é fundamental para corrigir possíveis erros, e ajustar ações.

O PEC espelha a missão educacional da igreja. Portanto, a criação desse documento precisa ser colaborativa e, envolver toda a comunidade em sua construção e implementação. Desta forma, todos aprendem como construir e executar um planejamento centrado na Palavra de Deus.

É importante ressaltar que os planos de ação e estratégias devem estar alinhados com a visão geral da igreja e, também, ao primeiro capítulo deste documento, pois ele apresenta o fundamento, os pilares, o propósito e o contexto da Educação Cristã.

A instrumentalidade da ação do Espírito Santo sobre a vida das pessoas, é que mais mobiliza o trabalho do educador cristão. O PEC inclui aspectos pedagógicos, administrativos e contextuais são bastante técnicos, por isso, o Educador Cristão precisa estar sensível à voz de Deus e ao seu direcionamento para que ele e a igreja sejam instrumentos de Deus para a expansão do seu reino.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O Plano que se entrega visa contribuir para ampliação e fortalecimento da Educação Cristã na Igreja local, nos Estados e, conseqüentemente, na Denominação, representando o resgate do lugar que o ensino formacional de discípulos deve ocupar com mais intensidade, criatividade, velocidade e de forma estratégica em suas ações pedagógicas, trazendo um novo olhar na maneira de interagir e de se comunicar com uma sociedade enfraquecida, imersa em incertezas de fé e sem significado existencial.

A intenção é educativa e contributiva aos educadores cristãos. Educativa, porque compreende que com esta dimensão, o trabalho formativo se consolida. Compreende-se que a formação das gerações é o caminho para consolidação dos princípios e valores eternos. Contributiva, porque se apresenta como uma ferramenta de apoio ao desenvolvimento da área de Educação Cristã, no sentido de evidenciar os aspectos mais significativos desde a implantação até a materialização das estratégias e ações que podem favorecer o crescimento e o desenvolvimento da maturidade cristã. Afinal, o que se deseja é o fortalecimento da fé em Cristo Jesus, por meio de uma prática discipular viva, vibrante e relacional.

Como resultado, para além do exposto no documento, busca-se o aprimoramento da área da Educação Cristã, uma vez que ela faz parte da formação integral de cada discípulo, devendo ser refletida também em outros espaços formativos, como seminários, faculdades e centros de produção de conhecimento e materiais direcionados ao ensino na Igreja como reflexo da unidade denominacional que respeita e acolhe os diversos contextos territoriais, bem como as especificidades da igreja local e os estados onde elas estão inseridas.

Com a idealização de uma filosofia educacional da CBB, esperam-se os desdobramentos por meio da rede capilarizada que alcance os DEC estaduais e o olhar do educador cristão na sua atuação na igreja local e no fortalecimento da educação cristã com foco nas demandas e necessidades de cada indivíduo em sua integralidade indicando o mesmo propósito de conduzir cada ser humano a ser um discípulo de Jesus.

À medida que cada igreja local compreenda sua realidade, estabeleça suas diretrizes educacionais e as implemente, à luz da Palavra de Deus, e se relacione com outras igrejas cooperativamente potencializando as ações estaduais e estas potencializando as ações em âmbito da Convenção Batista Brasileira e, conseqüentemente, no sentido inverso, a denominação apresentará uma educação cristã sólida que impulsiona a expansão do evangelho como fruto da ação discipular de cada adorador.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BARBOSA, Celso Aloísio e AMARAL, Othon Ávila. **Livro de Ouro: Epopeia de fé, lutas e vitórias**. Rio de Janeiro: JUERP, 2007.
- BÍBLIA Sagrada. Bíblia de Estudo NVI. São Paulo, Editora Vida, 2003.
- BRASIL. **Lei de inclusão** LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira**. 9394/96. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf). Acesso em: 17 outubro de 2022.
- CONGRESSO BATISTA BRASILEIRO. **Com os olhos no futuro: Teses do Congresso Batista Brasileiro**. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.
- CRABTREE, A. R.. **História dos Batistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1937.
- DECLARAÇÃO Universal dos direitos Humanos. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.pdf>>. Acesso em: 17 outubro de 2022.
- DOMINGUES, Gleyds Silva. Educação Cristã Bíblica. **Diretrizes para a Educação Cristã Bíblica: por uma nova proposta educacional**. Curitiba: Emanuel, 2018.
- DOWS, Perry G. Introdução à Educação Cristã: ensino e crescimento. São Paulo, Cultura Cristã, 2001.
- DURAES, Ivan de Oliveira e RAMIRO, Elana Costa. **Educação cristã. Reflexões sobre desafios e oportunidades**. São Paulo, Reflexão, 2018.
- ESTEVE, Júlia Maria. Mudanças sociais e função do docente. In: NÓVOA, António. Individual. 1. ed. Vitória – ES: Sérgio Rodrigues de Souza, 2015.
- GABARDO, Cassiano; HELPA, Juliana. Família: aplicações práticas para pais. São Paulo: AEP. 2021;
- LEBAR, Lois E. **Educação que é cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- LEI Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>. Acesso em: 17 outubro de 2022.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.
- MARCONDES, Léa. **Novas perspectivas para a Educação no meio evangélico**. Ver. Pistis Prax., Curitiba, vol. 2, n. 2, p. 155-526, jul/dez.2010.

- MESQUITA, António N de. **História dos Batistas do Brasil de 1907 a 1935**. Casa Publicadora Batista, 1940.
- MINAYO M. C. De S.; DESLANDES, S.F. – **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25 ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. **Curso Vida Nova de Teologia básica: Educação cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. In <http://uepgfocafoto.wordpress.com>. p. 16. Acesso em 12/11/2022.
- MORRIS, Leon. **2Coríntios: Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- NAÇÕES UNIDAS. **Declaração de Salamanca**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 17 outubro de 2022.
- NEVES, Paulo Vicente Ferreira das. **Cosmovisão e educação batista: princípios universais e filosofia ministerial**. In: DOMINGUES, Gleyds Silva; RUPPENTHAL NETO, Willibaldo (Orgs). **Cosmovisão e Educação: panorama histórico e temático**. Curitiba: Emanuel, 2018.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **Um povo chamado batista: história e princípios**. 2.ed. Recife: Kairós Editora, 2011.
- PAZMINO. Robert W. **Temas fundamentais da Educação cristã**. São Paulo: Cultura cristã, 2008.
- PDER – Plano Diretor de Educação Religiosa Batista no Brasil. Rio de Janeiro, Convicção, 2011.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: Profissão Professor**. Porto: Ed. Porto, 1995.
- RECAMAN, Dorcas Rodrigues Silva de. **Projeto Político pedagógico em construção na gestão democrática da escola pública**. 1996. Dissertação: Mestrado em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Vitória, 1996.
- REIS PEREIRA, José dos. **História dos batistas do Brasil**. Rio de Janeiro: Juerp, 1982.
- RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da Educação Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- RIOS, Teresinha. **Compreender e ensinar. Por uma docência de melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2016.
- SACRISTÁN, José Gimeno. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Tradução Alexandre Salva-terra; revisão técnica: Miguel González Arroyo. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SILVA, Alice Sarmiento. **História da Educação Religiosa dos Batista no Brasil**. Monografia apresentada ao Programa de pós-graduação do Seminário de Educação Cristã como requisito parcial da obtenção do título de Mestre, 1996.

SILVA, Maria Bernardete. **Educação cristocêntrica**. Rio de Janeiro: UFMBB, s/d, digital.

SMITH, Cathryn, SOBRINHO, João Falcão. **Programa de Educação religiosa. Nova estrutura de educação religiosa para a igreja**. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

SMITH, Cathryn. **Programa de Educação religiosa. Nova Estrutura de educação religiosa para a igreja**. Revisado e atualizado por João Falcão Sobrinho. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

SMITH, Cathryn. **Programa de Educação religiosa**. Rio de Janeiro: Conselho Coordenador da Educação Religiosa da Junta de Educação Religiosa e Publicações e da União Feminina Missionária da Convenção Batista Brasileira, 1969.

WIERSBE, Warren. **Novo Testamento 2: Comentário Bíblico Expositivo**. SP: Geográfica, 2017.

WILKINSON, Bruce. **As sete leis do aprendizado**. Venda Nova: Betânia, 1998.

YOUMANS, Elizabeth; THRIFT, Jill C; ALLEN, Scott D. **Família: fundamentos de uma nação**. Curitiba: Transforma, 2019.

# PLANO DIRETOR DE EDUCAÇÃO CRISTÃ

A Educação Cristã tem permeado a história da Convenção Batista Brasileira desde o seu início porque o único fundamento válido, seguro e suficiente é CRISTO, conforme 1Coríntios 3.11, que diz: “Porque ninguém pode lançar outro alicerce, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo”.

O Plano Diretor de Educação Cristã (PDEC) apresenta o fundamento e os pilares da Educação Cristã, diretrizes estratégicas para a expansão da Educação Cristã no âmbito denominacional e o desafio para que cada igreja local tenha o seu Projeto de Educação Cristã (PEC). É uma ferramenta com a proposta de apoiar o desenvolvimento da Educação Cristã por meio de uma prática discipular viva em Cristo Jesus, vibrante e relacional.

